



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

AS NOMINALIZAÇÕES NA SINTAXE DA LÍNGUA KRAHÔ (JÊ)

Maxwell Gomes Miranda

Brasília
2010



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

AS NOMINALIZAÇÕES NA SINTAXE DA LÍNGUA KRAHÔ (JÊ)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Lingüística do Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística.

Brasília
2010



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

AS NOMINALIZAÇÕES NA SINTAXE DA LÍNGUA KRAHÔ (JÊ)

Maxwell Gomes Miranda

Comissão examinadora:

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (UnB) - Presidente/orientadora

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (UnB) – membro interno

Profa. Dra. Luciana Dourado (UnB) – membro interno

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (UnB) - suplente

Brasília
2010

DEDICATÓRIA

Ao povo Krahô, pela luta e resistência.

AGRADECIMENTOS

Agradecer aqueles que contribuíram de forma direta ou indireta em nossa formação, nem sempre é uma tarefa fácil, já que podemos incorrer no erro de esquecer alguém. Em visto disso, tentarei retribuir por meio desses agradecimentos todos aqueles que fizeram parte de mais uma jornada.

À minha orientadora, Profa. Ana Suelly, meus mais sinceros agradecimentos. Sou-lhe grato por ter me aceitado como seu orientando e por ter, nesses dois anos, compartilhado comigo vários momentos de aprendizagem. Agradeço-lhe não só pelas lições de lingüística, mas pelo apoio incondicional que tem dado à formação de novos pesquisadores, dedicando-se arduamente na formação de lingüistas indígenas e lingüistas indigenistas;

Ao Prof. Aryon Dall’Igna Rodrigues, pela generosidade e humildade com as quais tem nos atendido sempre que as dúvidas surgem. Agradeço-lhe pelos inúmeros ensinamentos não só de lingüística, mas também de ética e responsabilidade que devemos ter na pesquisa e na aplicação dos resultados nas comunidades indígenas que sempre nos recebem e nos ensinam um pouco de sua língua e sua cultura;

À Profa. Luciana Dourado pelas valiosas sugestões e contribuições feitas durante a defesa;

Ao *pahi* Pascoal pela acolhida na aldeia Pedra Branca e também ao Edson Krahô (Txotuk Krahô) e a sua família pela acolhida em sua casa;

Aos professores Ataúlio Krahô, José Dilson Krahô, Potut Krakô e Roberto Carlos Krahô pelas aulas em sua língua que muito contribuíram para a realização dessa pesquisa;

Aos meus pais, Otaviano e Eva, pelos ensinamentos de vida e perseverança com os quais tenho guiado minha vida nesses anos de luta; e também aos meus irmãos, Max e Andrielma;

Às minhas eternas professoras, Sibeletícia e Maria Raquel Galan; afinal, muito do que aprendi e onde cheguei devo a elas; agradeço-lhes pelas oportunidades que me propuseram em buscar novas oportunidades de estudo;

Aos meus amigos e companheiros de luta do Laboratório de Língua Indígenas da Universidade de Brasília, Ana, Andrébio, Chandra, Fernando, Sanderson, Ariel, Suzy, Letícia, Edineide, pelos momentos de discussão e também de descontração; ao Fernando Orphão, pelas discussões teóricas e também ao Lucivaldo Costa pelas discussões sobre dados da língua Xíkrin;

Agradeço aos meus colegas indígenas de curso, Paltu Kamaiurá, Maná Huni KuꞑAnita Tíkuna e Edílson Baníwa, os quais me ensinaram um pouco de suas línguas e também pelas trocas de experiências valiosas e aos meus novos amigos de luta, Gustavo e Nádia, com os quais tenho dividido um pouco das minhas inquietações e angústias “linguísticas”;

Agradeço, especialmente, a minha companheira de sempre, Lidiane, que nesses últimos dois anos, essa ‘menininha’ tem mais que me suportado, tem compartilhado comigo momentos inesquecíveis de alegria e aprendizagem;

Às minhas colegas do Departamento de Linguística, Layane, Cristiane, Michele, Cíntia, Carol pelos nossos encontros e (des)encontros;

Ao Diretor Regional da FUNAI – Araguaína, TO, Cleso Fernandes Moraes, pela autorização concedida para entrada na Terra Indígena Krahô;

Ao Professor Francisco Edwiges Albuquerque pelo convite e pela oportunidade de ter participado da oficina com os professores Krahô, na aldeia Manoel Alves, e pelas valiosas discussões sobre fatos linguísticos da língua Apinajé;

Aos professores Ludovico Carnasciali dos Santos e Eduardo Rivail Ribeiro pelo envio de textos sobre línguas Jê, os quais contribuíram para o meu trabalho; e agradeço, especialmente, à professora Sueli Maria de Souza que me disponibilizou sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, além de um breve vocabulário da língua Krahô;

Finalmente, agradeço ao CNPq pela bolsa de estudos de mestrado e pelo apoio financeiro dado à pesquisa de campo (Processos 484727/2006-0 e 401579/2008-5), e à Capes por meio do PROCAD – Programa Nacional de Cooperação Acadêmica - (Processo 233/2007).

RESUMO

Esta dissertação explora as propriedades formais e funcionais do processo de nominalização de temas verbais na língua Krahô (família Jê Setentrional), o qual tem sido identificado em línguas da família Jê ora como expressão de tempo passado recente em oposição ao não-passado, ora como distinção entre aspecto perfectivo vs imperfectivo. Na presente dissertação, apresentamos uma análise alternativa para essas formas verbais, na qual elas não têm como função expressar categorias de tempo/aspecto, mas são requeridas por princípios gerais da sintaxe da língua.

Palavras-chave: nominalizações, morfossintaxe, línguas indígenas, língua Krahô

ABSTRACT

The present study is concerned with the functional and formal properties of deverbal nominalizations in Krahô (Northern Jê Group) which have been described for other Jê languages as a process implicated either with a non-past/recent past opposition or with an aspectual distinction between perfective and imperfective. The analyses presented here argue for an alternative view according to which these deverbal forms are not involved in the expression of tense/aspect categories, but are rather demanded by general and independent principles of this language's syntax.

Key-words: nominalizations, morphosyntax, indigenous language, language Krahô

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Família linguística Jê (Rodrigues 1999)	12
Tabela 1 – Prefixos relacionais em Krahô (Rodrigues 2009)	18
Tabela 2 – Numerais e outras palavras que quantificam	35
Tabela 3 – Formas pronominais em Krahô (Popjes e Popjes 1986).....	46
Tabela 4 – Formas pronominais em Krahô (Souza 1997).....	47
Tabela 5 – Formas pronominais em Krahô (Miranda 2009).....	52
Tabela 6 – Distinção entre formas verbais longas e curtas em Canela-Krahô	59
Tabela 7 - Morfemas nominalizadores em Krahô (Popjes e Popjes (1986).....	71

ABREVIATURAS

ASP	Aspecto	SUBORD	Subordinação
AUM	Aumentativo	R ¹	Pref. Rel. de Contiguidade
COL	Coletivo	R ²	Pref. Rel. de Não Contiguidade
CONT	Contínuo		
DEM	Demonstrativo		
DIM	Diminutivo		
DIR	Direcional		
ENF	Enfático		
ERG	Ergativo		
GRP	Grupo		
IMPERF	Imperfectivo		
INST	Instrumento		
NEG	Negação		
NLZ	Nominalizador		
N.AGT	Nome de agente		
N.INST	Nome de instrumento		
N.LOC	Nome locativo		
N.PAC	Nome de paciente		
PART	Partícula		
PERF	Perfectivo		
PL	Plural		
POSP	Posposição		
PROJ	Projetivo		
REL	Relativizador		

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	v
RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
LISTA DE QUADROS E TABELAS.....	ix
ABREVIATURAS.....	x

INTRODUÇÃO

0.0	Considerações iniciais.....	01
0.1	Objetivos.....	02
0.2	Fundamentação teórica e metodológica.....	02
0.3	Sobre o projeto de pesquisa.....	03
0.4	Organização dos capítulos.....	04

CAPITULO I

BREVE HISTÓRICO DO POVO KRAHÔ E SUA LÍNGUA

1.0	Introdução.....	06
1.1	Breve história do povo Krahô.....	06
1.2	A língua Krahô e sua filiação na família linguística Jê.....	11
1.3	Trabalhos linguísticos sobre a língua Krahô.....	13
1.4	Considerações finais	14

CAPÍTULO II

SOBRE NOMES E VERBOS

2.0	Introdução.....	16
2.1	Nomes, verbos e posposições.....	16
2.1.1	Prefixos relacionais e classes temáticas.....	17
2.1.1.1	Temas nominais	19
2.1.1.2	Temas Verbais.....	20
2.1.1.3	Temas Posposicionais.....	26
2.1.2	Discussão sobre os prefixos relacionais em Krahô.....	27
2.1.2	Divisão semântica dos nomes.....	28
2.1.2.1	Nomes independentes possuídos: o morfema mediador de posse - <i>ǎ</i>	31
2.1.3	Constituição interna dos nomes.....	33
2.1.3.1	Número.....	33
2.1.3.2	Gênero.....	38
2.1.4	Funções sintáticas exercidas por nomes.....	39
2.2	Classe dos verbos.....	42
2.3	Considerações finais.....	44

CAPÍTULO III

FORMAS PRONOMINAIS EM KRAHÔ: DISTRIBUIÇÃO E FUNÇÃO

3.0	Introdução.....	45
3.1	Formas pronominais em Krahô: análises precedentes	45
3.2	Formas pronominais em Krahô: uma análise alternativa.....	51
3.3	Considerações finais.....	55

CAPÍTULO IV

INVESTIGANDO AS FORMAS VERBAIS LONGAS E CURTAS EM KRAHÔ

4.0	Introdução	57
4.1	Formas verbais longas e curtas em Krahô: análises precedentes.....	58
4.1.1	Shell 1952.....	58
4.1.2	Popjes e Popjes 1986.....	59
4.1.3	O tratamento das formas longas do Krahô por Souza (1997).....	63
4.2	Uma análise das formas verbais longas e curtas em Krahô (Miranda 2009).....	64
4.2.1	Outros tipos de deverbais em Krahô.....	71
4.3	Mais fundamentos para a existência de um processo de derivação de ‘nomes de ação’ em Krahô	81
4.4	Considerações finais	82

CAPÍTULO V

NOMINALIZAÇÕES E O SISTEMA DE ALINHAMENTO EM KRAHÔ

5.0	Introdução	83
5.1	Sistema de marcação de caso em Krahô (Souza 1997).....	83
5.1.1	Sistema nominativo.....	84
5.1.2	Sistema ergativo.....	85
5.1.3	Sistema ergativo ‘cindido’	86
5.2	Cisão no alinhamento em Krahô: uma proposta de análise.....	87
5.3	Considerações finais.....	88

CONCLUSÃO.....	90
----------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93
---------------------------------	----

INTRODUÇÃO

0. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As línguas da família Jê têm sido objeto de constante interesse de lingüistas de diferentes formações teóricas, principalmente pelos diferentes tipos e subtipos de predicados existentes nessas línguas (ativos – transitivos e intransitivos -, estativos e existenciais), mas também pela marcante distinção entre formas longas e curtas de seus verbos, e pela distinção de número singular, dual, plural, ou singular, dual, paucal e plural. Vários lingüistas de línguas Jê têm interpretado as formas longas dos verbos dessas línguas como expressões das categorias de tempo, aspecto e modalidade, e essa associação à expressão de ergatividade (Reis Silva 2001; Costa 2003; Ferreira, 2003; Castro Alves, 2004; Oliveira 2005; Salanova, 2007; Santos, 2008).

Esta dissertação explora as propriedades formais e funcionais do processo de nominalização das formas verbais longas na língua Krahô (família Jê Setentrional), demonstrando que essas formas não codificam tempo passado, mas são requeridas por princípios gerais da sintaxe da língua. Mostraremos que essas formas são decorrentes de um processo de nominalização que deriva ‘nomes de ação’ e que a análise mais apropriada pode não ser aquela que as associa à manifestação de ergatividade.

Esperamos com este estudo contribuir para o aprofundamento do conhecimento de alguns aspectos importantes da morfossintaxe da língua Krahô.

0.1 OBJETIVOS

Os objetivos deste estudo são os seguintes:

- analisar as propriedades formais e funcionais das nominalizações nos contextos sintáticos em que ocorrem na língua Krahô;
- identificar os tipos de nomes que são derivados a partir de temas verbais;
- apresentar uma análise alternativa para as formas pronominais, mostrando sua distribuição e função na sintaxe;
- descrever e analisar o padrão de alinhamento em Krahô e sua relação com as nominalizações, focalizando suas propriedades morfossintáticas;
- contribuir para a descrição e documentação da gramática Krahô, no contexto das línguas da família Jê.

0.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA

A análise dos dados teve como preocupação a descrição da interface da forma e da função de estruturas linguísticas do Krahô, o que exigiu a utilização de critérios distribucionais e de comutação, assim como de procedimentos analíticos contrastivos. A análise focalizou as classes de palavras, nome, verbo e posposição, com base em Bath (2003) e Croft (2003), mostrando que essas são as únicas classes que se flexionam para indicar a contiguidade ou não-contiguidade entre o núcleo e seu determinante por meio de prefixos relacionais (cf. Rodrigues 1953, 1986, 1996, 1999, 2000, 2009). Com respeito às nominalizações, embasamos nossa análise em Comrie (1976), Comrie & Thompson (1985) e Koptjevskaja-Tam (1993, 2003). O padrão de alinhamento em

Krahô, por sua vez, foi descrito seguindo as abordagens de Comrie (1978, 1989) e Dixon (1994).

Os dados utilizados no presente estudo foram coletados em pesquisa de campo em quatro etapas. As duas primeiras etapas foram realizadas durante o curso de formação de professores indígenas, oferecido pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de Tocantins, na cidade de Paraíso, nos meses de junho e julho. A terceira etapa realizou-se na aldeia Pedra Branca, município de Goiatins (TO), na qual permanecemos 20 dias. A coleta dos dados foi realizada por meio de elicitación de estruturas previamente selecionadas que permitiram testar hipóteses levantadas. As gravações incluem dados naturais (conversações e relatos, tanto históricos quanto míticos). Os dados foram gravados em sistema digital (Handy Recorder H4). Além dos dados coletados em pesquisas de campo, servimo-nos também dos dados de Popjes e Popjes (1986) e de Souza (1990, 1997).

0.3 SOBRE O PROJETO DE PESQUISA

O projeto de pesquisa a partir do qual resultou esta dissertação teve a finalidade de contribuir para a documentação, descrição e conhecimento da língua Krahô. Além disso, foi projetado para que os resultados servissem aos professores Krahô, tanto para que fizessem uso dos dados e resultados na sua formação linguística, como para a construção de materiais didático-pedagógicos para o ensino da escrita e leitura da língua Krahô nas escolas das aldeias.

Desde 2008 temos acompanhado os professores Krahô durante o curso de formação de professores indígenas para o magistério oferecido pela Secretaria Estadual

de Educação de Tocantins – SEDUC – na cidade de Paraíso, há 63 km da capital, Palmas.

Em 2009 tivemos a oportunidade de participar do lançamento da cartilha de alfabetização Krahô na aldeia Manoel Alves, que foi elaborada pelo professor indígena Renato Yahé Krahô, em co-autoria com o Prof. Francisco Edwiges Albuquerque (Universidade Federal de Tocantins). Participamos também da oficina para elaboração de livros didáticos com vários professores indígenas. Nessa ocasião testamos algumas hipóteses e coletamos alguns dados com o professor Ataúlio Krahô. Ainda em 2009, além de participarmos do referido curso de formação em Paraíso, realizamos pesquisa de campo na aldeia Pedra Branca. Nessa aldeia fomos recebidos pelas lideranças políticas locais e pudemos mostrá-los e explicá-los o real motivo que tinha nos levado a estudar sua língua.

Desde então, temos nos engajado com a causa indígena no que tange, principalmente, à formação de professores indígenas.

0.4 ORGANIZAÇÃO DOS CAPÍTULOS

O presente estudo está organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo reunimos informações sobre a história do povo Krahô com os não-índios, sobre a filiação da língua Krahô e sobre os trabalhos linguísticos precedentes.

Na sequência, o segundo capítulo descreve as classes de palavras nome, verbo e posposição, explorando o mecanismo da flexão relacional, única manifestação de flexão na língua, a qual flexiona temas verbais, nominais e posposicionais para assinalar as relações de dependência entre um determinante e elemento por este determinado.

Nomes e verbos são analisados e classificados com base em critérios distribucionais e funcionais.

O terceiro capítulo oferece uma análise das formas pronominais na língua Krahô, mostrando distinções entre essas formas e suas respectivas associações aos tipos de predicados com os quais cada uma delas se combina.

O quarto capítulo explora a natureza estrutural e funcional das nominalizações na sintaxe da língua Krahô. Seguimos a análise de Costa (2003) da língua Xíkrin, segundo a qual as formas longas dos verbos são nominalizações, obtidas por meio de um sufixo nominalizador que deriva ‘nomes de ação’ a partir de temas verbais (cf. Comrie 1976, Comrie e Thompson 1985). Mostramos a ocorrência das nominalizações em Krahô em contextos sintáticos nos quais se exige um nome, além de ser a forma básica para a derivação de outros nomes nessa língua.

O quinto capítulo focaliza a relação entre nominalizações e padrão de alinhamento em Krahô, mostrando que as construções transitivas com núcleos nominalizados, embora se assemelhem a um padrão de alinhamento ergativo, em virtude de seu argumento externo ser marcado por uma posposição específica para esta função, não correspondem à expressão do que tem sido definido como ergatividade linguística (cf. Dixon 1994).

As considerações finais são apresentadas no sexto capítulo, seguidas das referências bibliográficas que substanciaram a análise desse estudo.

BREVE HISTÓRICO SOBRE O POVO KRAHÔ E SUA LÍNGUA

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo reunimos algumas informações sobre a história do contato dos índios Krahô com os não-índios. Em seguida, fazemos algumas observações sobre a classificação genética da língua Krahô – sua posição na família linguística Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues 1986, 1999). Apresentamos também neste capítulo uma visão geral dos estudos linguísticos realizados sobre a língua Krahô, entre os quais se destacam os trabalhos descritivos de Shell (1952), Popjes & Popjes (1986), Souza (1990, 1997) e Bastos (2006).

1.2 BREVE HISTÓRIA DO POVO KRAHÔ

O povo Krahô ou *Mehĩ*, como o próprio povo se autodenomina, vive no norte do estado de Tocantins, em uma Terra Indígena (TI) que ocupa uma área de 3.200 km², entre os rios Manoel Alves Pequeno e Vermelho (afluente do rio Manoel Alves Grande), ambos formadores da bacia do Tocantins. A TI em que vivem os Krahô foi demarcada a partir do Decreto-lei nº 102, de 5 de agosto de 1944. Atualmente, os Krahô contam com uma população de 2.184 habitantes, distribuída em 24 aldeias (dados da FUNASA, 2006).

A história do contato do povo Krahô, em certa medida, relaciona-se com a política de expansão e exploração do território brasileiro em direção ao interior do

Brasil, desencadeada a partir do final do século XVII¹. Segundo Melatti (2005), a política de exploração do interior do Brasil privilegiava duas frentes de ocupação que tinham a agricultura e a pecuária como principais atividades econômicas – a maranhense-paraense, de tipo agrícola, e a baiana, de tipo pastoril. Essas frentes convergiram rumo a uma região² já habitada por vários povos indígenas.

A frente maranhense-paraense, ainda que tivesse como objetivo a exploração de terras para o cultivo de arroz e algodão, teve pouco impacto, uma vez que os exploradores preferiam regiões de floresta, ambientes que o sul do Maranhão e o norte de Tocantins não lhes podiam oferecer (Melatti 2005). A frente pastoril, oriunda da Bahia, tinha por finalidade abastecer as populações de escravos que trabalhavam na exploração de reservas auríferas em Goiás e Mato Grosso. Melatti (2005) descreve a introdução da criação de gado na colônia, da seguinte forma:

[...] O gado foi introduzido nesses dois núcleos ainda no século XVI. O gado pernambucano ocupou a costa da Paraíba e a do Rio Grande do Norte, avançando depois para o interior até atingir o Ceará. Dos arredores de Salvador, com a conquista de Sergipe, o gado baiano foi levado até as margens do rio São Francisco, também alcançadas pelo gado pernambucano, atravessou-o e penetrou na bacia do Parnaíba. Atravessaria finalmente este rio para penetrar no sul do Maranhão, por volta de 1730; será nesta última área que entrará em contacto com os craôs; mas não parou aí: no século XIX, continuando seu avanço, atravessou o Tocantins, penetrando no norte de Goiás, onde encontrou os apinajés; finalmente, nos últimos anos do mesmo século, cruzando o Araguaia, entrou no Pará estabelecendo contacto com os caiapós (os de Pau d'Arco)” (MELATTI 2005:11)

Com a decadência da produção aurífera nas capitanias de Goiás e Mato Grosso, retoma-se a navegação comercial pelo Rio Tocantins que, até então, fora proibida

¹ Segundo Apolinário (2006:53), “mesmo que começando enquanto economia acessória ao complexo açucareiro e, posteriormente, a da mineração no Brasil, foi o crescimento do criatório que permitiu a expansão do povoamento luso-brasileiro para o interior do Brasil, provocando violentas guerras contra os grupos indígenas.”

² Na região que compreendia a zona de exploração agrícola e pastoril além de povos Jê encontravam-se também povos Tupí, como os Tenetehara, Tembé, Guajajara, Guajá, etc.

devido ao contrabando de ouro praticado no período da mineração no século XVIII³, e ao longo deste rio vários núcleos populacionais.

Nesse contexto de frentes de exploração agrícola e pastoril, como e de que forma surge a figura do índio? À medida que a frente agrícola expandia e aumentava sua produção, aumentava a carência de mão-de-obra escrava. Contudo, esgotadas as possibilidades da mão da obra tradicionalmente usada, passou-se a aprisionar e a escravizar os índios que eram encontrados na marcha expansionista, mesmo contrariando acordos entre a Igreja e a Coroa, nos quais a primeira queria garantida a tutela da educação espiritual dos índios.

Ao contrário da frente agrícola, a frente pastoril ainda que precisasse de mão-de-obra escrava, esta demanda era reduzida. Entretanto a expansão agrícola esbarrava nas terras habitadas por indígenas, e para solucionar os entraves da expansão, fazendeiros e índios entraram em conflitos, salvo casos isolados em que houve acordo entre índios e fazendeiros, como ocorreu no caso de índios Krahô, como veremos adiante. Segundo Melatti (2005):

“...tanto a frente agrícola como a frente pastoril consideravam os indígenas como um obstáculo à sua expansão, pois eles eram os possuidores dos territórios de que elas necessitavam. Uma vez, porém, destribalizados, desorganizados ou simplesmente pacificados, a frente agrícola tentava absorver os indivíduos, sobreviventes à luta com os "brancos" e às moléstias por estes introduzidas, como mão-de-obra. A frente pastoril, no entanto, não precisava da força de trabalho dos índios; não lhe restava outra alternativa, portanto, senão aniquilá-los ou afastá-los para bem longe...” (MELATTI 2005:18)

Em um primeiro momento, a história do contato dos Krahô com os não-índios se deu pela aliança com os criadores de gado, pois “...em troca da paz com os "brancos", os craôs deviam ajudá-los a guerrear e escravizar os grupos indígenas vizinhos, timbiras

³ [...] A partir de 1757 a navegação do rio Tocantins, que até então nunca fora levada a efeito de modo regular, mas apenas esporadicamente, ficou como que proibida por uma provisão do Conselho Ultramarino, pois o governo português punha todo o empenho em limitar as vias de entrada e saída de Goiás para evitar o contrabando do ouro [...] (MELATTI, 2005:14).

ou acuéns, tomando-lhes os territórios” (Melatti 2005:18). Logo depois desse período, uma vez dizimados os povos indígenas inimigos, cujas terras eram alvo de interesse dos criadores de gado para expansão de sua atividade, a aliança com os Krahô é desfeita e estes passam de aliados a vítimas da ação predatória e nefasta da política de expansão e exploração dos campos do cerrado brasileiro⁴.

Apesar da escravização do índio ser proibida pela Coroa portuguesa, essa escravização persistia e era justificada pela abertura presente na Carta Régia de 1814: “...que permitia a escravidão temporária dos índios do Tocantins e Araguaia, sob certas condições.” (Melatti 2005:22). Os índios aprisionados eram levados para Belém para que os mesmos fossem vendidos para trabalharem nas plantações e descaroadouros de algodão.

De acordo com Melatti (2005), os Krahô tiveram importância fundamental no processo de esvaziamento de outros grupos indígenas do sul do Maranhão. Na condição de instrumento manipulado pela ambição dos criadores de gado, os Krahô se viram beneficiados, por um lado, pelo apoio armado dado pelos criadores na guerra contra outros grupos indígenas e, por outro lado, pelas oportunidades que tiveram de roubar gados desses mesmos fazendeiros, colocando a culpa em seus inimigos tribais. Neste

⁴ Melatti (2005:19) citando Paula Ribeiro (1841) situa geograficamente os povos indígenas com os quais a frente agrícola e pastoril mantiveram conflitos com aqueles que se opuseram à política de expansão territorial no início do século XIX. [...] Os Gamelas se localizavam então próximo de Viana e de Monção, no baixo Pindaré e também no vale do Codó, afluente da margem esquerda do Itapecuru. Na região da confluência do Grajaú com o Mearim estavam os Guajajaras (“Guajojáras”), que Paula Ribeiro inclui erradamente entre os timbiras. Os índios deste último grupo, os timbiras, ficavam de Caxias para o sul: os txocamecrás (mateiros) ocupavam a margem esquerda do Itapecuru a partir da altura desta última vila até os primeiros sertões de Pastos Bons; os canelas (canelas finas ou capiecrans) viviam a oeste do rio Alpercatas; os pucobiês habitavam as margens do alto Grajaú; os ponrecamecrás (purecamecrans) tinham suas aldeias entre os pucobiês e a barra do rio Farinha no Tocantins; confinando com estes dois últimos grupos estavam os “Cannaquetgê”; os craôs, que constituíam o grupo timbira mais meridional, ocupavam um território na bacia do rio Balsas, talvez na sua parte setentrional. Finalmente os grupos acuéns, representados pelos xavantes e pelos xerentes, confinavam com os craôs, habitando ao norte do rio Manoel Alves Grande (Ribeiro, 1841, pp. 193, 194, 297, 298, 304, 314, 316 e 319). Todos os grupos citados — com a duvidosa exceção dos ponrecamecrás — chegaram a entrar em conflito armado com os civilizados [...].

jogo de interesses múltiplos e dúbios, ambos agentes do confronto, índios e criadores, contribuíram para a política de conquista e exploração do sertão, uma vez que os primeiros tratavam de dizimar as nações indígenas inimigas para que seus territórios fossem ocupados pelos fazendeiros, competindo aos segundos, posteriormente, tratar de aniquilá-los, já que,

“...diante dos civilizados eles em nada diferiam daqueles que combatiam, pois eram igualmente ocupantes de uma área cobiçada e "ladrões" de gado; destruindo os outros grupos, apenas estavam apressando a vinda do momento em que eles próprios, eliminados todos os outros, seriam obrigados a se afastar da área que ocupavam ou sucumbir diante de algum ataque de fazendeiros” (MELATTI 2005:22)

Até aqui podemos observar que os índios sempre foram considerados como obstáculos à execução do plano de desenvolvimento econômico nas capitânicas que tinham uma relativa presença indígena. Este fato se consubstancia pelas evidências históricas das políticas indigenistas, tanto local quanto colonial do empenho que deveria ser feito para que fosse declarada ‘guerra justa’ àqueles que se opuseram aos interesses da Coroa (Apolinário 2005).

Havia um projeto para afastar os Krahô para a foz do Rio Sono, a fim de que fosse constituída a povoação de São Fernando, por volta de 1810 (Melatti 2005). Contudo, esse projeto só veio a se concretizar em 1848 com o estabelecimento da missão de Pedro Afonso na foz do mesmo rio. O projeto de transferência dos Krahô para a missão de Pedro Afonso tinha por finalidade a catequese destes, além dos Akwẽ-Xerente que habitavam a mesma região, tendo sido concedida aos missionários *capuchinhos* responsabilidade de catequizá-los, e em especial ao Frei Rafael de Taggia.⁵

⁵ Segundo Melatti (2005:25) “Em 1852 os craôs que aí estavam somavam 620 indivíduos⁷. Eram em maior número ao serem trazidos para o local, mas epidemias nos anos de 1849 e 1850 os reduziram.”

Melatti (2005) observa que, com uma população já reduzida devido às epidemias contraídas⁶, o projeto de catequizar os Krahô não teve o resultado esperado e imediato de convertê-los à fé católica, uma vez que

“...os índios atribuíam ao batismo o poder de lhes abreviar a vida e era à força que o padre o administrava às crianças moribundas, havendo mesmo entre eles a proibição de dar parte dos doentes ao missionário por considerarem os remédios dos civilizados como feitiços.” (MELATTI 2005:25)

O atual território que os Krahô ocupam não é o mesmo lugar para o qual foram trazidos por Frei Rafael de Taggia. A região que primeiramente ocuparam localizava-se nas imediações do núcleo urbano de Pedro Afonso, distribuídos em três aldeias. Em sucessivos movimentos, os Krahô foram se deslocando para o norte, chegando a ocupar o atual território.

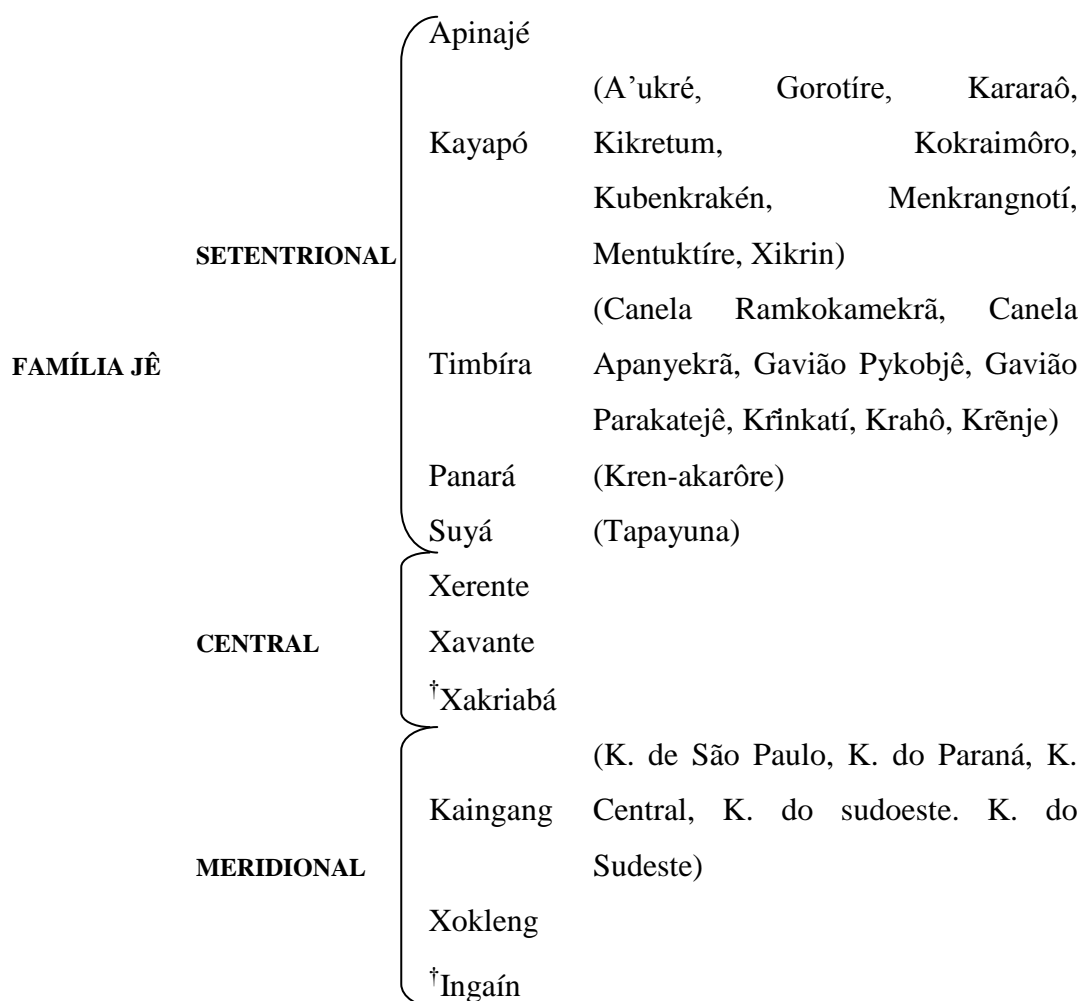
1.2 A LÍNGUA KRAHÔ E SUA FILIAÇÃO NA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA JÊ

A família lingüística Jê é a única família do tronco Macro-Jê que apresenta na atualidade o maior número de ramificações. Esse fato se reflete na distribuição geográfica dos falantes dessas línguas que se situam desde os estados de Maranhão e do Pará, passando pelo norte e centro do Tocantins e nordeste do Mato Grosso, e alcançando São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (cf. Rodrigues 1986, 1999).

O quadro seguinte contém os nomes dos povos Jê distribuídos de acordo com as suas respectivas regiões geográficas:

⁶ Colleção das Leis de 1843, tomo V, parte I, pp. 25-26 (MELATTI 2005)

Quadro 1 – Línguas da família Jê (tronco Macro-Jê) (Rodrigues 1999)



A língua Krahô, falada pelo povo conhecido pelo mesmo nome, pertence à família linguística Jê (Rodrigues 1986, 1999). A língua Krahô junto com as línguas Canela – Ramkokamekrã e Apãniekrã – Parkatejê (Gavião do Pará) e Pykobjê (Gavião do Maranhão), Krĩkati e Krenjê formam o grupo Timbira (Nimuendajú 1946). Ainda que essas línguas sejam mutuamente inteligíveis os seus respectivos falantes, as consideram como línguas distintas.

Atualmente, os povos Timbira convivem pacificamente uns com os outros, ao contrário do passado, em que constantemente guerreavam entre si. Segundo alguns professores Krahô, é comum receber a visita de ‘parentes’ Canela ou Apinajé. Trata-se

de prática recíproca que fortalece os laços de amizade entre os grupos. O mesmo não dizem os Krahô das relações com os Parkatejê (Gavião do Pará), com os quais mantêm certo distanciamento, embora os reconheçam como ‘parentes’ também. Nos últimos anos, tem sido constante o trabalho em conjunto desses povos na elaboração e realização de projetos promovidos pelo Centro de Trabalho Indigenista (CTI) nas áreas de educação, manejo ambiental e agricultura sustentável.

1.3 TRABALHOS LINGÜÍSTICOS REALIZADOS SOBRE A LÍNGUA KRAHÔ

Em um levantamento dos estudos linguísticos realizados sobre a língua Krahô, constatamos a escassez de estudos descritivos, lexicográficos e histórico-comparativos sobre essa língua. O primeiro trabalho linguístico sobre a língua Krahô é um esboço gramatical com base nas anotações de campo feitas pelo antropólogo Buell Quain e analisadas por Olive Shell (1952)⁷. Este estudo apresenta informações sobre a fonética e fonologia da língua, além de uma caracterização das classes de palavras, com ênfase especial na morfologia nominal e verbal.

Jack Popjes e Josephine Popjes (1986), missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL), coletaram dados linguísticos entre os Canela-Ramkokamekra durante trabalho de campo entre 1968-1977 e descreveram importantes aspectos gramaticais dessa língua. Dadas as semelhanças que eles observaram entre as línguas Canela-Ramkokamekrá e Krahô estenderam a descrição a esta última.⁸ A relevância do estudo

⁷ SHELL, Olive .QUAIN, Buell. Grammatical Outline of Kraho (Ge Family). *International Journal of American Linguistics*, Vol. 18, No. 3. The University of Chicago Press, 1952 pp. 115-129.

⁸ POPJES, Jack & POPJES Josephine.. "Canela-Krahô." In: Desmond C. Derbyshire & Geoffrey K. Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian languages*, vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986 pp. 128-99.

de Popjes e Popjes (1986) reside principalmente no fato de que se trata de uma primeira abordagem gramatical dessas duas línguas Timbira.

Outros estudos linguísticos sobre a língua Krahô são os de autoria de Sueli Maria de Souza (1990, 1997), os quais focalizaram aspectos da morfologia e da sintaxe da língua. O trabalho de 1990 descreve o sistema de referência pessoal da língua⁹, e o segundo aborda a estrutura do sintagma nominal e verbal dessa mesma língua à luz da Teoria da Regência e Ligação¹⁰.

Há ainda o estudo de Bastos (2006) voltado para a correlação entre acento fonético e fonológico na língua.

1.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo teceremos considerações sobre o povo (histórico do contato com não índios) e sobre a língua Krahô, neste caso especificamente sobre sua filiação genética e sobre os trabalhos linguísticos realizados sobre ela. Nos próximos capítulos, daremos início à análise linguística, focalizando as classes de palavras, nome, verbo e posição; a distribuição das formas pronominais na língua, considerando o tipo de argumento que codificam e os tipos de predicados com os quais se combinam. Descrevemos e analisamos os processos de nominalização na língua Krahô, a partir do qual ‘nomes de ação’ são derivados. Mostramos que esses deverbais são a base de outras nominalizações na língua, como as que derivam nomes de agente e nomes de circunstância. Finalmente, discutimos a relação entre núcleos de predicados verbais

⁹ SOUZA, Maria S. *O sistema de referência pessoal da língua Krahô*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 1990.

¹⁰ _____. *A sintaxe de uma língua de verbo final: Krahô*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 1997.

nominalizados e padrões de alinhamento na língua, apontando problemas nas análises que associam formas nominalizadas do verbo em línguas da família Jê Setentrional à manifestação de ergatividade.

SOBRE NOMES E VERBOS EM KRAHÔ

2. INTRODUÇÃO

Neste capítulo abordamos as classes de palavras nomes, verbo e posposições na língua Krahô, considerando o que foi dito sobre elas nas análises precedentes (cf. Popjes e Popjes, 1986; Souza, 1990, 1997), mas acrescentando resultados de nossa análise sobre o tema. A abordagem das classes de palavras aqui focalizadas é necessária à descrição do tema central no nosso estudo, nominalizações em Krahô. A análise das três classes de palavras foi desenvolvida por meio de contraste de estruturas e padrões e pela adoção de critérios distribucionais e funcionais, o que permitiu que identificássemos formas e funções em associação na morfossintaxe da língua. A análise põe em evidência a flexão relacional em Krahô, que é a única categoria flexional da língua, comum a nomes, verbos e posposições, a qual indica a contiguidade ou não-contiguidade sintática dos determinantes desses elementos.

2.1 NOMES, VERBOS E POSPOSIÇÕES

O Krahô distingue três classes de palavras que recebem morfologia flexional: a classes dos nomes e a dos verbos, ambas classes abertas, e uma classe fechada, a das posposições. Os nomes referem-se a entidades concretas e abstratas e os verbos exprimem processos ou eventos (Bhat 2000, Croft 2000). Nomes, verbos e posposições

compartilham do sistema de prefixos relacionais (Rodrigues 1953, 1986, 1996, 1999, 2000, 2009).

2.1.1 PREFIXOS RELACIONAIS E CLASSES TEMÁTICAS

Os prefixos relacionais estabelecem relações de dependência e de determinação entre determinante e determinado, como são as relações entre um verbo transitivo e o seu objeto, um verbo intransitivo e o seu sujeito, o possuidor e o elemento possuído, uma posposição e o seu complemento (cf. Rodrigues 1953, 1986, 1996, 1999, 2000, 2009). Se todos os verbos se combinam com prefixos relacionais, o mesmo não ocorre com os nomes.

A classe dos nomes divide-se em nomes dependentes e nomes independentes. Os nomes dependentes ocorrem precedidos obrigatoriamente pelo seu possuidor, enquanto os nomes independentes ocorrem sem o possuidor, mas apenas os dependentes se combinam com prefixos relacionais. Os que não se combinam com prefixos relacionais são nomes como ‘sol’, ‘onça’, ‘frio’ etc (cf. seção 2.1.2 sobre a divisão semântica dos nomes em Krahô).

Temas nominais, verbais e poposicionais podem ser divididos em duas classes, de acordo com a sua distribuição com os prefixos relacionais, classe I e classe II, respectivamente. Os elementos da classe I se distribuem em duas subclasses de acordo com a combinação de seus elementos com os alomorfes do prefixo relacional R^1 , *j-* e *ts-*, e com o alomorfe *h-* do prefixo relacional R^2 . Há, dessa forma, duas subclasses de temas da classe I. A subclasse Ia se combina com o alomorfe *j-* do relacional R^1 , os elementos da classe Ib se combinam com o alomorfe *-ts* do mesmo relacional R^1 . Por

outro lado, os elementos da classe II se subdividem em três subclasses: IIa, IIb e IIc. Todas as subclasses da classe II se combinam com o alomorfe \emptyset do relacional R^1 ; mas com respeito ao prefixo R^2 , a subclasse IIa recebe o alomorfe \emptyset , a IIb o alomorfe $i\text{?}$, enquanto a subclasse IIc se combina com o prefixo $-ku$. À esta subclasse pertencem apenas temas verbais transitivos e posposições.

Na tabela abaixo, apresentamos os prefixos relacionais do Krahô e as subclasses de nomes, com base em Rodrigues (2009) e seus respectivos alomorfes.

PREFIXOS RELACIONAIS DA LÍNGUA KRAHÔ					
	CLASSE I		CLASSE II		
	Ia	Ib	IIa	IIb	IIc
Contiguidade (R^1)	<i>j-</i>	<i>ts-</i>	\emptyset	\emptyset	\emptyset
Não-contiguidade (R^2)	<i>h-</i>	<i>h-</i>	\emptyset	<i>i\text{?}</i>	<i>ku-</i>

Tabela 1: Distribuição dos prefixos relacionais em Krahô adaptado de Rodrigues (2001; 2009)

2.1.1.1. TEMAS NOMINAIS

NOMES DA CLASSE I

Ia - R^1

- | | | | | | |
|-----|-----------|----------------|-----|------------|--------------------|
| (1) | <i>a-</i> | <i>j-arkwa</i> | (2) | <i>rɔp</i> | <i>j-arkwa</i> |
| | 1- | R^1 -boca | | cachorro | R^1 -boca |
| | | ‘tua boca’ | | | ‘boca do cachorro’ |

Ia - R^2

- | | | | | | |
|-----|-----------|-----------------|-----|-----------|------------------|
| (3) | <i>mɛ</i> | <i>h- arkwa</i> | (4) | <i>h-</i> | <i>arkwa</i> |
| | humano | R^2 - boca | | R^2 - | boca |
| | | ‘boca humana’ | | | ‘boca de alguém’ |

Ib – R¹

(5) *pjen ts-om*
 grains R¹-sand
 ‘grains of sand’ (P&P 1986:193)

(6) *a- ts-ũ*
 2- R¹-pai
 ‘teu pai’

Ib – R²

(7) *h-om*
 R²-kernels
 ‘kernels’ (P&P 1986:193)

(8) *h-ũ*
 R²-pai
 ‘pai de alguém’

NOMES DA CLASSE II**IIa – R¹**

(9) *i- Ø-put*
 1- R¹-pescoço
 ‘meu pescoço’

(10) *rɔptĩ Ø-put*
 onça R¹-pé
 ‘pescoço de onça’

IIa – R²

(11) *Ø-put*
 R²-pescoço
 ‘pescoço de alguém’

(12) *mɛ Ø-put*
 humano R²-pescoço
 ‘pescoço humano’

IIb – R¹

(13) *a- Ø-tswa*
 2- R¹-dente
 ‘teu dente’

(14) *Potut Ø-par*
 Potut R¹-dente
 ‘pé de Potut’

IIb – R²

(15) *mε* *iʔ-* *tswa*
 humano R²- dente
 ‘dente humano’

(16) *iʔ-* *par*
 R²- pé
 ‘pé de alguém’

2.1.1.2 TEMAS VERBAIS**TEMAS VERBAIS TRANSITIVOS DA CLASSE I****Ia – R¹**

(17) *wa* *ha* *pĩxo* *j-ũhkà*
 1 FUT fruit R¹-buy
 ‘I will buy fruit’ (P&P 1986:129)

(18) *ka* *pĩ* *j-itep*
 2 wood R¹-cut
 ‘You cut wood’ (P&P 1986:129)

Ia – R²

(19) *i-tε* *h-* *ũhkàr*
 1-PAST R² buy
 ‘I bought it’ (P&P 1986:129)

(20) *ku-tε* *h-* *itep*
 3-PAST R²- cut
 ‘It cut it’ (P&P 1986:129)

Ib – R¹

- (21) *ka ha kēn ts-i*
 2 FUT stone R¹- put down
 ‘You will put the stone down’ (P&P 1986:195)

Ib – R²

- (22) *a- tε h- ir*
 2 PAST R²- put down
 ‘You put it down’ (P&P 1986:129)

TEMAS VERBAIS TRANSITIVOS DA CLASSE II**IIa – R¹**

- (23) *ke ha h-ũ wapɔ Ø-tɔ tun Ø-kura*
 3SG PROJ R²-pai faca R¹-POSP tatu R¹-matar
 ‘ele, o pai de alguém vai matar o tatu com a faca’

- (24) *wa i- Ø-tε a- Ø-mẽ-n*
 1SG 1- R¹-POSP 2- R¹-derrubar-NLZ
 ‘eu derrubei você (lit.: ‘a tua derruba por mim’)

IIa – R²

- (25) *wa i- Ø-tε Ø-kura-n*
 1SG 1- R¹-POSP R²-matar-NLZ
 ‘eu matei algo/alguém (lit.: ‘a matança de algo/alguém por mim’)

- (26) *ka a- Ø-tε Ø-mẽ-n*
 2SG 2- R¹-POSP R²-derrubar-NLZ
 ‘você derrubou algo/alguém’ (lit.: ‘a derrubada de alguém por você’)

IIb- R¹

- (27) *wa i- Ø-tε pro-tĩ Ø kura-n*
 1sg 1- R¹-POSP sapo-AUM R¹- matar
 ‘eu matei o sapo cururu’ (lit.: ‘a matança do sapo cururu por mim’)

- (28) *Capi tε ha rɔp Ø-kakwĩn*
 man PAST FUT dog R¹-beat
 ‘Capi will beat the dog’ (P&P 1986:129)

IIb – R²

- (29) *iʔ kura*
 R²- matar
 ‘kill it’ (P&P 1986:194)

- (30) *iʔ kakwĩ(n)*
 R²- hit
 ‘beat it’ (P&P 1986:193)

IIc- R¹

- (31) *ke ha nẽ poti Ø-mẽ-n narε*
 3SG PROJ NEG pote R¹-derrubar-NLZ NEG
 ‘ele não vai derrubar o pote’ (lit.: ‘não haverá a derrubada do pote por ele’)

- (32) *ka mɛ pɨ̃ kuna kə̃m waji Ø-ku*
 2SG PL sol todo POSP carne R¹-comer
 ‘você come carne todos os dias’ (Souza 1997:64)

IIc- R²

- (33) *wa ha ku-mẽ*
 1SG PROJ R²-derrubar
 ‘eu vou derrubar algo/alguém’

- (34) *Capi tɛ pɔ kuran ne wa apu ku-ku*
 Capi PAST deer kill and 1 CONT R²-eat
 ‘Capi killed the deer, and I’m eating it’ (P&P 1986:147)

TEMAS VERBAIS INTRANSITIVOS DA CLASSE I

Ia – R¹

- (35) *wa pɨ̃k̃k̃ Ø-kə̃m i- j-õ-t*
 1SG esteira R¹-POSP 1- R¹-dormir-NLZ
 ‘eu dormi na esteira’ (lit.: ‘minha dormida na esteira’)

- (36) *ku h-ũkwar Ø-nã pa- j-ɔpi-r*
 1PL.DUAL R²-casa R¹-POSP 1PL.DUAL- R¹-subir-NLZ
 ‘nós (dual) subimos na casa dele’ (lit.: ‘a subida de nós dois na casa dele’)

Ia – R²

- (37) *pʰík* *∅-kəm* *h-ō-t*
 esteira R¹-POSP R²-dormir-NLZ
 ‘alguém dormiu na esteira’ (lit.: ‘a dormida de alguém na esteira’)
- (38) *h-ũkwar* *∅-nã* *h-ɔpi-r*
 R²-casa R¹-POSP R²-subir-NLZ
 ‘alguém subiu na casa dele’ (lit.: ‘a subida de alguém na casa dele’)

TEMAS VERBAIS INTRANSITIVOS DA CLASSE II**IIa– R¹**

- (39) *i-* *∅-krɛ-r*
 1- R¹-cantar-NLZ
 ‘eu cantei’ (lit.: ‘meu cantar’)
- (40) *pur* *pĩn* *wa* *∅-tẽ*
 field from 1 R¹-go
 ‘I’m coming from the field’ (P&P 1986:158)

IIa – R²

- (41) *ke* *ha* *pahĩ* *kə* *∅-pe* *∅-krɛ*
 3SG PROJ chefe pátio R¹-POSP R²-cantar
 ‘o chefe vai cantar no pátio’

- (42) *wa pur pĩn Ø-tẽ*
 1 field from R²-go
 ‘I’m coming from the field’ (P&P 1986:158)

IIb – R¹

- (43) *ita kəm i- Ø-kra Ø-pəm-Ø*
 hoje 1- R¹-filho R¹-cair-NLZ
 ‘meu filho nasceu hoje’ (lit.: ‘o nascimento do meu filho hoje’)

- (44) *i- Ø-kra Ø-kwĩ-r*
 1- R¹-filho R¹-defecar-NLZ
 ‘meu filho defecou’ (lit.: ‘a defecação do meu filho’)

IIb – R²

- (45) *ita kəm iʔ-pəm-Ø*
 hoje R²-cair-NLZ
 ‘alguém nasceu hoje’ (lit.: ‘o nascimento de alguém hoje’)

- (46) *i- Ø-kra apu aket Ø-kəm iʔ-kwĩ*
 1- R¹-filho CONT mato R¹-POSP R²-defecar
 ‘meu filho está defecando no mato’

2.1.1.3 TEMAS POSPOSICIONAIS

Os temas posposicionais em Krahô recebem apenas os prefixos relacionais da classe II, tanto para contíguo quanto para não-contíguo. Esses temas seguem a mesma distribuição descrita acima para os elementos da classe II. Conforme dissemos anteriormente, os prefixos relacionais da classe IIc flexionam apenas temas verbais transitivos e posposicionais. Nos dados analisados não encontramos a ocorrência desses prefixos com temas nominais em construções possessivas assim como em temas verbais intransitivos. Nos exemplos abaixo, extraídos de Popjes e Popjes (1986), mostramos a ocorrência dos prefixos relacionais da classe II com as posposições *mã*, *kəm* e *pĩn*.

TEMAS POSPOSICIONAIS – R¹

- (47) *i-tɛ* *i-* *ts-ũ* ***Ø-mã*** *hõ* *Ø-pĩ-r*
 1-ERG 1- R¹-pai R¹-POSP comida R¹-pegar-NLZ
 ‘eu peguei a comida do meu pai’ (‘o pegar da comida do meu pai por mim’)

- (48) *pur* ***Ø-kəm*** *põhĩ*
 roça R¹-POSP milho
 ‘na roça tem milho’

- (49) *wa* *pur* ***Ø-pĩn*** *Ø-tẽ*
 1 field R¹-POSP R²-go
 ‘I coming from the field’ (P&P 1986:158)

TEMAS POSPOSICIONAIS – R²

(50) *i-te ku-mã hõ Ø-pĩ-r*
 1-ERG R²-POSP comida R¹-pegar-NLZ
 ‘eu peguei a comida de alguém’ (lit.: ‘o pegar da comida de alguém por mim’)

(51) *Ø-kəm*
 R²-POSP
 ‘in, into, at it’ (P&P 1986:178)

(52) *iʔ-pĩn*
 R²-POSP
 ‘from there (locational source)’ (P&P 1986:178)

2.1.2 DISCUSSÃO SOBRE OS PREFIXOS RELACIONAIS EM KRAHÔ

Com respeito aos prefixos relacionais, Popjes e Popjes (1986:193) os analisaram como mudanças que ocorrem no início da raiz de uma série de verbos transitivos, quando esses apresentam objeto especificado ou não-especificado. Os autores observaram ainda que a seguinte regra morfofonológica opera na maior parte da língua: *j* e *x* [ts] ocorrendo em sintagma medial tornam-se *h* em sintagma inicial, conforme ilustram os exemplos abaixo:

(53) *po x-umré* ‘male deer’ *h-ũmré* ‘male, man’
pjên x-ôm ‘grains of sand’ *h-ôm* ‘kernels’ (P&P 1986:193)

(54)	<i>cu-te</i>	<i>ampo</i>	<i>j-aprôr</i>	<i>cu-te</i>	<i>h-aprôr</i>
	3-PAST	something	buy	3-PAST	3+buy
	‘He bought something’			‘He bought it’ (P&P 1986:193)	

Já Souza (1997:20) observa que:

“...a mudança do radical verbal, geralmente junto aos verbos iniciados por vogal, de “y-” para “h-”, indica referência subjetiva ou objetiva não contigua, ou seja, não mencionada, ou distante do lugar de origem...” e que essa mudança em certos radicais verbais é uma estratégia previsível usada pela língua “...para a indicação de contiguidade ou não da terceira pessoa, sendo esse um fato da prosódia da língua (spell out).”

Conforme podemos observar na análise de Souza (1997), os prefixos “y” e “h” ocorrem para indicar referência pessoal somente em temas verbais. De acordo com a autora,

“Se usada primeira ou segunda pessoa pronominal, ou um nominal, usamos antes do verbo a forma “y-”. Caso passemos para a terceira pessoa mudamos para a forma verbal iniciada por “h-”. Nesse segundo caso temos as condições propícias para a categoria vazia de terceira pessoa, podendo-se considerar essa possibilidade como uma alternante para a terceira pessoa.” (SOUZA 1997:20)

A análise que adotamos aqui com base em Rodrigues (1981, 1990, 1993, 1997, 1999, 2001, 2009) considera que esses prefixos flexionam temas verbais, temas nominais e posposições para indicar a relação de dependência sintática entre estes e seus respectivos determinantes, diferentemente do que propuseram as análises precedentes sobre essa língua.

2.2 DIVISÃO SEMÂNTICA DOS NOMES

Do ponto de vista morfológico e semântico, podemos distinguir duas classes de nomes em Krahô, isto é, os nomes dependentes (Classe I) e os independentes (Classe II). Os nomes da classe I designam termos de parentesco, parte do corpo humano, etc. e

são, obrigatoriamente, possuídos. O possuidor é codificado por meio de prefixos pessoais específicos para esta função (cf. cap. III a seguir sobre marcas pessoais), de acordo com os exemplos a seguir.

(55) *a- Ø tse*
 2- R¹- mãe
 ‘tua mãe’

(56) *mε i- Ø kra*
 PL 1- R¹ filho
 ‘meus filhos’

(57) *paʔ- Ø tɔ*
 1.INCL- R¹- olho
 ‘nossos olhos’

Os nomes da classe II são independentes designam entidades concretas e entidades abstratas e podem ocorrer em funções adjetiva ou substantiva. Em função adjetiva, esses nomes seguem o núcleo do sintagma que qualificam, exemplos (58), (59) e (60); em função substantiva, seus determinantes ocorrem marcados pela posição de caso dativo *mã*, como em (61), (62) e (63):

(58) *ko kri*
 água fria
 ‘água fria’

(59) *kahãj mpej*
 mulher boa/bonita
 ‘mulher bonita’

- (60) *pĩ ho inkɔ*
 árvore folha verde
 ‘a folha verde da árvore’
- (61) *i- Ø-mã mpej*
 1- R¹-POSP boa/bonita
 ‘eu sou bonito’
- (62) *a- Ø-mã kri*
 1- R¹-POSP frio
 ‘você está com frio’
- (63) *iʔ-kra Ø-mã pro-ti kupa*
 R²-filho R¹-POSP sapo-AUM medo
 ‘o filho dele tem medo de sapo cururu’

Souza (1997:36) considera as construções que têm esses nomes como núcleo, como ‘orações de verbos nulos’, considerando-os como verbos intransitivos com fortes características adjetivais. Na nossa análise, a classe dos nomes independentes subdivide-se em subclasses, formando uma subclasse de nomes descritivos que compartilham com os demais nomes dessa classe o fato de não se combinarem com prefixos relacionais. Entretanto à diferença destes, pode ter existência relativa a algo ou alguém, relação esta expressa sintaticamente pela construção [N+DAT + NOME DESCRITIVO].

2.1.2.1 NOMES INDEPENDENTES POSSUÍDOS: O MORFEMA MEDIADOR DE POSSE {-õ}

Os nomes da classe II que designam artefatos da cultura material e animais domésticos, e que foram recém introduzidos na sociedade Krahô em consequência do contato com os não-índios, têm sua posse mediada por meio do morfema {-õ}. Rodrigues (1992) analisou as formas correspondentes deste morfema em quatro famílias do tronco Macro-Jê (Bóroro, Maxacalí, Jê e Karirí), mostrando que estas famílias “...não só têm em comum um mesmo processo sintático para exprimir a posse de nomes alienáveis mediante o uso de marcadores especiais, de significado mais ou menos genérico, mas apresentam marcadores que têm toda aparência de terem um étimo comum’ (Rodrigues 1992:386).

(64) *i- j-õ rɔp*
 1- R¹-MP cachorro
 ‘meu cachorro’

(65) *h-õ rɔp Ø-ti-k*
 R²-MP cachorro R²-morrer-NLZ
 ‘cachorro dele/cachorro de alguém’ (lit.: ‘a morte do cachorro dele’)

(66) *me a- j-õ pur põhi*
 PL 2- R¹-MP roça milho
 ‘roça de milho de vocês’ (Souza 1990:06)

Souza (1990:07) ressalta que nomes como ‘tecido’ e ‘dinheiro’ podem ter características tanto de nomes alienáveis quanto inalienáveis, podendo ocorrer sem o

morfema mediador de posse {-õ}, como nos exemplos abaixo, extraídos da própria autora.

(67) *a- j-õ tšë*
 2- R¹-MP tecido
 ‘teu tecido’ (Souza 1990:08)

(68) *i- j-õ pɔɾɛ*
 1- R¹-MP dinheiro
 ‘meu dinheiro’ (ibidem)

(69) *a-tšë*
 2-tecido
 ‘teu tecido’ (Souza 1990:8)

(70) *i-pɔɾɛ*
 1-dinheiro
 ‘meu dinheiro’ (Souza 1990:8)

Acrescentamos que não só nomes alienáveis podem ocorrer em ambas as formas, como também termos de parentesco, conforme exemplos abaixo.

(71) *i- j-õ ts-ũ*
 1- R¹-MP R¹-pai
 ‘meu pai’

(72) *h-õ tse*
 R²-MP mãe
 ‘mãe de alguém’

2.1.3 CONSTITUIÇÃO INTERNA DOS NOMES: NÚMERO E GÊNERO

2.1.3.1 NÚMERO

Nomes contáveis se combinam com a partícula de número (plural) *mɛ* que precede imediatamente o nome:

(73) *i- Ø-keti*
 1- R¹-tio
 ‘meu filho’

(74) *mɛ paʔ- Ø-keti*
 PL 1.EXCL- R¹-tio
 ‘nossos tios’

(75) *pur*
 roça
 ‘roça’

(76) *mɛ pur*
 PL roça
 ‘roças’

A categoria gramatical de número é também expressa por meio de outros morfemas que indicam referência coletiva. Conforme Popjes e Popjes (1986:186), a expressão de número em nomes independentes é indicada por meio de pronomes demonstrativos, numerais e quantificadores na função de modificadores do núcleo do sintagma nominal, além de morfemas que indicam coletividade. Nesse caso específico, em Krahô, os morfemas que denotam coletividade distinguem-se pelo traço semântico

[±humano]. Assim, temos as formas *amε* (juntos) e *mε kuna* (todos) que se combinam com nomes e prefixos que portam o traço [+humano], e *kwĩ* (grupo) se combina com nomes cujo traço semântico é [-humano].

- (77) *mε kahãj nẽ amε kwĩ Ø-kẽ-n nare*
 PL mulher NEG COL mandioca R¹-ralar-NLZ NEG
 ‘as mulheres juntas não estão ralando mandioca’ (lit.: ‘não está havendo a ralação de mandioca pelas mulheres’)

- (78) *mε pa kuna amε ajke*
 PL 1.EXCL COL COL dançar
 ‘nós todos vamos dançar juntos’

Já a forma ‘*kwỳ*’ ‘alguns, grupo’, por sua vez, parece combinar-se apenas com nomes cujo traço semântico é [-humano].

- (79) *rɔp kwỳ tε kukoj kãmtsar*
 dog GRP PAST monkey bite
 ‘The dog pack bit the monkey’ (P&P 1986:186)

- (80) *hũmrε tε rɔp kwỳ kaĩhĩr*
 man PAST dog GRP beat
 ‘The man beat the dogs’ (P&P 1986:186)

Na tabela abaixo apresentamos os numerais e outras expressões quantificadoras identificadas na língua Krahô (cf. Popjes e Popjes 1986, Sousa 1997):

NUMERAIS E OUTRAS PALAVRAS QUE EXPRESSAM QUANTIDADE			
<i>pyxit</i>	‘um’	<i>amε</i>	‘todos juntos’
<i>ipijakrut</i>	‘dois’	<i>mε kuna</i>	‘todos (indefinido)’
<i>inkrê</i>	‘três, muitos’	<i>mε /-oket</i>	‘todos (definido)’
<i>nō</i>	‘um de’	<i>kwỳ</i>	‘grupo de alguns’

Tabela 2

Observamos que a distribuição das formas *mε* (*partícula*) combinada com *-oket* (nome) parece ser condicionada à definitude do referente que quantificam. Observamos também que não há ocorrência de *-oket* sem que *mε* esteja também presente, o que contribui para a interpretação de que o significado de *-oket* é próximo ao significado de ‘grupo’, mas é a partícula *mε* a que contribui com a idéia de plural.

Esperamos ampliar o número de exemplos contendo *-oket* de forma a propor uma análise mais adequada à realidade da língua. A seguir apresentamos dois exemplos apresentados por Souza (1997:56), com glosas adaptadas por nós:

(81) *mε humrε y-oket ma ra tē*
 PL homem R¹-GRP MOV já ir
 ‘Todos os homens já foram (embora)’

(82) *mε ∅ h-oket ma ra tē*
 PL R²-GRP MOV já ir
 ‘todos já foram embora’

Exemplos com *amε* são os seguintes:

(83) *ku amε mō ko kām*
 1 COL ir rio para
 ‘Nós vamos juntos para o rio’ (Souza 1997:56)

- (84) *pahí kot amɛ ten*
 cacique POSP COL ir
 ‘Fomos (juntos) atrás do cacique’ (Souza 1997:56)

Os pronomes demonstrativos *ita* ‘este/esta’ e *ata* ‘aquele/aquela’ não parecem formar constituintes com os nomes, visto que podem preceder ou seguir os nomes que aparentemente modificam. Combinam-se com o afixo *-je* que exprime plural, mas que não se associa a taços semânticos [\pm humano] [\pm animado]. Assim, temos:

- (85) *ata tsũmrɛ*
 DEM homem
 ‘aquele homem’

- (86) *ata-je tsũmrɛ*
 DEM-PL homem
 ‘aqueles homens’

- (87) *kẽn ita*
 stone this
 ‘this stone’ (P&P 1986: 186)

- (88) *kẽn ita-je*
 stone these
 ‘these stones’ (P&P 1986: 186)

Há também morfemas que se afixam a temas nominais para expressar a ideia de atenuação e de intensificação, respectivamente *-ti* e *-rɛ*.

- (89) *i- Ø-mã pram*
 1- R¹-POSP fome
 ‘eu estou com fome’
- (90) *i- Ø-mã pram- tí*
 1- R¹-POSP fome- INTS
 ‘eu estou com muita fome’
- (91) *im-prar tỳj*
 3SG-run strong/well
 ‘He runs well’ (P&P 1986:173)
- (92) *im-prar tỳj- re*
 3SG-run strong- DIMIN
 ‘He’s a good runner (P&P 1986:173)

Esses afixos também entram na formação de nomes de animais e de uma determinada espécie ou objetos, intensificando-lhes ou atenuando-lhes suas respectivas dimensões físicas.

- (93) *pro*
 sapo
 ‘sapo’
- (94) *pro- tí*
 sapo AUM
 ‘sapo grande’(lit.: sapo cururu)

(95) *pro- rɛ*
 sapo- DIM
 ‘sapo pequeno’ (lit.: perereca)

(96) *i- j-õ wapɔ*
 1- R¹-MP faca
 ‘minha (coisa) faca’

(97) *wapɔ -ti*
 faca AUM
 ‘facão’ (lit.: faca grande)

(98) *wapɔ -rɛ*
 faca DIM
 ‘canivete’ (lit.: faca pequena)

2.1.3.2 GÊNERO

A categoria gramatical de gênero em Krahô é expressa por meio dos nomes *h/tsũmre* ‘macho’ e *kahãj* ‘fêmea’, como mostram o exemplo (99),

(99)	<i>prɨkak tsũmre</i>	<i>prɨkak kahãj</i>
	boi macho	boi fêmea
	‘boi’	‘vaca’

2.1.4 FUNÇÕES SINTÁTICAS EXERCIDAS POR NOMES

Os nomes da classe I – dependentes –, assim como os nomes da classe II – independentes – ocorrem como núcleo de sintagmas nominais nas funções de sujeito e objeto, sintagmas possessivos e complemento de posposição.

NOMES DA CLASSE I

SUJEITO

- (100) *i- ts-ĩ* *∅-tɛ* *tun* *∅-kura-n*
 1- R¹-pai R¹-POSP tatu R¹-matar-NLZ
 ‘meu pai matou o tatu’ (lit.: ‘a matança do tatu por meu pai’)
- (101) *a- prõ* *∅-tɛ* *itse* *∅-kuhõ-n*
 2- R¹-esposa R¹-POSP roupa R¹-lavar-NLZ
 ‘tua esposa lavou a roupa’ (lit.: ‘a lavação da roupa por minha esposa’)

OBJETO DIRETO

- (102) *wɛj* *∅-tɛ* *i- j-apak* *∅-katswə-r*
 velho R¹-POSP 1- R¹-orelha R¹-furar-NLZ
 ‘o velho furou minha orelha’ (lit.: ‘a furação da minha orelha pelo velho’)
- (103) *wa i- ∅-tɛ* *a- ∅-kĩn* *j-akep-∅*
 1SG 1- R¹-POSP 2- R¹-cabelo R¹-cortar-NLZ
 ‘eu cortei teu cabelo’ (lit.: ‘o cortar do teu cabelo por mim’)

COMPLEMENTO DE POSPOSIÇÃO

- (104) *wa i- Ø-tɛ i- ts-ũ mã hõ Ø-hõ-r*
 1 SG 1 SG R¹-POSP 1 SG R¹-pai POSP comida R¹-dar-NZL
 ‘eu dei a comida para o meu pai’ (lit.: ‘a doação da comida para o meu pai por mim’)

- (105) *rɔp Ø-tɛ i- Ø-par Ø-kəm iʔ-tsə-r*
 cachorro R¹-POSP 1 SG R¹-pé R¹-POSP R²-morder-NLZ
 ‘o cachorro mordeu no meu pé’ (lit.: ‘a mordida no meu pé pelo cachorro’)

NOMES DA CLASSE II

SUJEITO

- (106) *p̃je nẽ apu põhi Ø-kẽ-n nare*
 mulheres NEG CONT milho R¹-ralar-NLZ NEG
 ‘as mulheres não estão ralando mandioca’

- (107) *rɔp apu pro-ti Ø-tsə*
 cachorro CONT sapo-AUM R¹-morder
 ‘o cachorro está mordendo o sapo’

OBJETO DIRETO

- (108) *wa apu ko Ø-kõ*
 1 SG CONT água R¹-beber
 ‘eu estou bebendo água’

- (109) *ka a- Ø-tɛ pĩ j-akep-Ø krinare*
 2SG 2- R¹-POSP lenha R¹-cortar-NLZ muita
 ‘você cortou muita lenha’ (lit.: ‘o cortar da lenha por você’)

COMPLEMENTO DE POSPOSIÇÃO

- (110) *wa apu ko Ø-to kuhĩ Ø-pĩ*
 1SG CONT água R¹-POSP fogo R¹-matar
 ‘eu estou apagando o fogo com a água’ (lit.: ‘eu estou matando
 o fogo com a água’)

- (111) *wa ha pur Ø-kəm h-ape*
 1SG FUT roça R¹-POSP R²-trabalhar
 ‘eu vou trabalhar na roça’

Os nomes dessa classe designam sensações e fenômenos físicos, como por exemplo ‘fome’, ‘febre’, e podem ter tanto função predicativa quanto argumentativa. Quando núcleo de predicados, estes são predicados existenciais com complemento posposicionado, os quais podem ser traduzidos como ‘existe fome com respeito a algo ou a alguém’, por exemplo. O complemento posposicionado é marcado pela posposição *mã*. O exemplo (113) ilustra o nome “quente” em função predicativa e o exemplo (114) ilustra o mesmo nome em função argumentativa.

- (112) *i- Ø-mã kakro*
 1- R¹-POSP quente
 ‘eu estou com febre’ ou ‘existe febre com respeito a mim’

- (113) *ra i- kakro j-amrẽ*
 ASP 1- quente R¹-acabar
 ‘minha febre já acabou’

2.2 CLASSE DOS VERBOS

Em Krahô, há dois tipos de verbos, de acordo com o critério de transitividade: transitivos e intransitivos. Os primeiros possuem objeto direto, mas não os segundos. Há entre os transitivos e intransitivos aqueles que possuem um complemento adicional obrigatório, que é subordinado por uma posposição, e são, portanto, complementos indiretos obrigatórios. Os transitivos são os verbos do tipo ‘dar’ e ‘receber’, e os intransitivos são verbos que exprimem atividades psicológicas ou que propriamente não afetam algo ou alguém. Esses são verbos como ‘vingar-se’, ‘afastar-se’, entre outros. Seguiremos Dixon (1994) na presente análise, considerando os verbos intransitivos com um complemento indireto obrigatório de intransitivos estendidos e os transitivos com objeto indireto obrigatório de transitivos estendidos.

Os argumentos de verbos transitivos e intransitivos¹¹ podem ser um nominal ou uma forma pronominal específica para esta função, conforme apresentaremos no próximo capítulo.

Do ponto de vista morfológico, conforme dissemos anteriormente, verbos, assim como nomes e posposições são as classes de palavra que recebem flexão relacional em Krahô. Já as categorias gramaticais de modo/aspecto, específicas da

¹¹ Verbos transitivos e intransitivos podem ocorrer com um complemento obrigatório regido por uma posposição, marcando um caso oblíquo. Semelhante aos argumentos de verbos transitivos e intransitivos prototípicos, os complementos de posposições podem ser um nome ou uma forma pronominal.

classe dos verbos, são expressas por meio de partículas. Os exemplos seguintes ilustram os tipos de verbos do Krahô e a sua combinação com prefixos relacionais:

TRANSITIVOS

- (114) *pãje apu põhi Ø-kêkê*
mulheres CONT milho R¹-ralar
‘as mulheres quebrando milho’

- (115) *ka ha i- Ø-mẽ*
2SG PROJ 1- R¹-derrubar
‘você vai me derrubar’

TRANSITIVOS ESTENDIDOS

- (116) *ka ha i- Ø-mã wapɔ Ø-hõ*
2- PROJ 1- R¹-POSP faca R¹-dar
‘você vai dar a faca para mim’

INTRANSITIVOS

- (117) *ka apu krɛ-r*
2SG CONT cantar
‘você está cantando’

- (118) *aretí Ø-kəm ke ha ñõr*
rede R¹-POSP 1- PROJ dormir
‘na rede, ele vai dormir’

INTRANSITIVOS ESTENDIDOS

(119) *ke ha pahĩ kə Ø-pe Ø-krɛ*
 3 SG PROJ chefe pátio R¹-POSP R²-cantar
 ‘ele, o pahi, vai cantar no pátio’

(120) *wa ma cidade Ø-pĩm Ø-tẽ*
 1SG DIR cidade R¹-POSP R²-vir
 ‘eu vim da cidade’

2.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, mostramos que o Krahô possui três classes de palavras flexionáveis, nomes, verbos e posposições e que as três classes compartilham prefixos relacionais, a única manifestação de flexão na língua. Mostramos que há dois tipos de nomes, os dependentes e os independentes, sendo que estes podem ter a posse mediada pelo mediador de posse *-õ*. Em Krahô há dois tipos de verbos, transitivos e intransitivos, cada um dividido em duas subclasses, uma das quais tem um complemento oblíquo obrigatório. As observações feitas neste capítulo são fundamentais para a discussão apresentada no capítulo seguinte.

FORMAS PRONOMINAIS EM KRAHÔ: DISTRIBUIÇÃO E FUNÇÃO

3.0 INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentamos uma análise sobre as formas pronominais da língua Krahô, considerando sua distribuição e função na sintaxe da língua. As formas pronominais nessa língua organizam-se em duas séries, as quais chamaremos aqui de série I ou série nominativa, e série II ou série dependente. Primeiramente, antes de procedermos a nossa análise, retomaremos as análises de Popjes e Popjes (1986) e de Souza (1990, 1997) para as formas pronominais nessa língua e, em seguida, fundamentaremos nossa análise com base em novos dados.

3.1. FORMAS PRONOMINAIS EM KRAHÔ: ANÁLISES PRECEDENTES

Popjes e Popjes (1986:175) descrevem duas séries de pronomes pessoais para a língua Krahô, segundo a função que elas assumem na sentença. Segundo os autores, há uma série presa ou prefixal que ocorre como marcador de objeto e de sujeito, as quais distinguem uma primeira pessoa inclusiva de uma primeira pessoa exclusiva. Além dessa série, há uma série de formas pronominais livres que podem ocorrer como sujeito. Reproduzimos abaixo a tabela com as formas pronominais descritas por Popjes e Popjes (1986)¹²:

¹² Optamos por fonemizar as formas pronominais descritas por Popjes e Popjes (1986) em virtude de tornar mais compreensível a interpretação dos dados.

PRONOMES PESSOAIS EM KRAHÔ (Popjes e Popjes 1986)		
	FORMAS PRESAS	FORMAS LIVRES
1 EXCLUSIVA	i-	wa
1 INCLUSIVA	pa-, pah-, pam, pan	ku
1 INCLUSIVA ENFÁTICA		pa
2 SG	a-	ka
3 SG	ih-; in-; i-; cu-; Ø;	ke
3 SG ENFÁTICA	--	ta
2 ou 3 RELATIVO	--	je

Tabela 3: Formas pronominais em Canela-Krahô (Popjes e Popjes 1986)

Com respeito à pluralização das formas pronominais, os autores observam que somente as formas prefixais em verbos ou relatores podem ser pluralizadas por meio da forma livre *me* ou uma de suas variantes.

As formas livres, segundo os autores, não são obrigatórias, mas ocorrem em certas situações discursivas que, em sua visão, “...não tem sido ainda completamente estudadas”¹³. Elas podem ser omitidas quando o sujeito já está claro a partir do contexto imediato e marcado por um prefixo na posposição de tempo, verbo ou relacionador (Popjes e Popjes 1986:176). Exemplos dados por esses autores são:

(121) (wa) i-te pɔ pupun (opcional)
 1 1-PAST deer see
 ‘I saw a deer’ (P&P 1986:176)

(122) wa pɔ pupun (obrigatório)
 1 deer see
 ‘I see a deer’ (ibidem)

As formas enfáticas do pronome de sujeito, por sua vez, co-ocorrem com as formas não marcadas, sendo a ênfase contrastiva. É importante ressaltar que além da

¹³ “These free forms are not obligatory, but occur in certain discourse situations which have not been fully studied yet.”(Popjes e Popjes 1986:176)

primeira pessoa enfática, os autores descrevem também uma forma enfática para terceira pessoa, não apresentando, entretanto, uma para segunda pessoa.

Souza (1997) apresenta um quadro de formas pronominais bem mais restrito e simplificado do que aquele proposto por Popjes e Popjes (1986). A autora, assim como Popjes e Popjes (1986) distingue duas séries de formas pronominais em Krahô, uma série que ocorre como forma livre e outra como forma presa, as quais apresentamos na tabela abaixo.

SISTEMA PRONOMINAL DA LÍNGUA KRAHÔ (Souza, 1997)		
	SÉRIE I	SÉRIE II
1SG	wa	i-
2SG	ka	a-
3SG	ke	ku-; in-; i' - (glotal)
1/2 PL. INCL (DUAL)	ku	pa-

Tabela 4: Formas pronominais em Krahô (Souza 1997)

A série I, segundo Souza (1997), compreende os pronomes livres que “...são aqueles que aparecem apenas como sujeito das orações, podem ser considerados isoladamente em certos contextos específicos, e podem ocupar uma segunda posição, enfática, com relação aos pronomes presos na função de sujeito das orações”. Embora a autora confira às formas pronominais livres uma função enfática em contextos específicos, ao contrário de Popjes e Popjes (1986), não considera formas pronominais específicas para esta função (cf. tabela 2 acima), conforme dados abaixo:

- (123) *wa pâm*
 1 cair
 “eu caio” (Souza 1997:18)

(124) *ke pâm*
 3 cair
 “ela cai” (ibidem)

(125) *wa i-pâm*
 ENF 1-cair
 “eu cai” (ibidem)

(126) *ke i'-pâm*
 ENF 3-cair
 “ele caiu” (Souza 1997, p. 19)

Com respeito à série II, Souza (1997) enfatiza que somente esta série pode ser pluralizada por meio da partícula ‘*mé*’, além de somente essas formas pronominais receberem interpretação temporal no passado perfeito, quando sujeito de verbos. Para essa autora não há “...nos verbos marcas morfológicas que possam ser interpretadas como morfema de modo, aspecto ou tempo verbal” (Souza 1997:23). A evidência que a autora lança mão sobre o uso exclusivo de pronomes presos no tempo passado perfeito é que quando se tem um “...lexema nominal como sujeito dos verbos, anula-se a questão da interpretação temporal” (ibidem).

(127) *i- pâm*
 1- cair
 “eu cai” (Souza 1997:23)

(128) *a- té i- yakep*
 2- PERF 1- cortar
 “você me cortou” (Souza 1997:23)

(129) *Yahé pâm*
 Yahé cair
 “Yahé caiu” (ibidem)

(130) *Yahé pâm i'nõ kâm*
 Yahé cair outro em
 “Yahé caiu ontem” (ibidem)

Outro aspecto da análise de Souza (1997) que a distingue da de Popjes e Popjes (1986) é com respeito à inclusão da categoria [\pm dual]. Esses autores consideraram a presença obrigatória da forma pronominal livre ‘*ku*’, também dual, como característica do modo hortativo, distinta do imperativo propriamente dito, tendo inclusive uma forma especial para o hortativo persuasivo, marcado por *ne*.

(131) *ha ku me po kura*
 ATTN 1INCL PL deer kill
 “Hey, let’s kill a deer” (P&P 1986:159)

(132) *ha ku ne*
 ATTN 1INCL PERSUASIVE
 “Hey, let’s go, okay?” (P&P 1986:159)

Souza (1997:17) enfatiza que não há necessidade de usar o pluralizador *me* quando a forma pronominal é [\pm dual]. A autora também diferencia a forma pronominal dual de formas pronominais plurais, ressaltando que há que “...se fazer distinção entre o dual (1 e 2), o dual (1 e 3) e a forma realmente plural”, ainda que essa variação não seja explicitada pela autora. Vejamos os exemplos a seguir:

(133) *pa-* *pa*
 DUAL braço
 “Nosso(s) braço(s)” (Souza 1997:17)

(134) *mé pa krã*
 PL DUAL cabeça
 “Nossas cabeças” (ibidem)

(135) *pa'* *khra*
 DUAL filha
 “Nossa filha (minha e dela)” (ibidem)

(136) *mé pa khra*
 PL DUAL filha
 “Nossas filhas” (ibidem)

Ao compararmos a análise proposta por Souza (1997) com a de Popjes e Pojes (1986), observamos que a autora não inclui o pronome ‘*je*’ (2 e 3 relativa) e ‘*ta*’ (3 pessoa singular enfática). Além disso, há em sua descrição uma redução de alomorfes do morfema de primeira pessoa inclusiva e de terceira pessoa singular, propostos por Popjes e Pojes (1986).

Assim como Popjes e Popjes (1986), Souza (1997:17) afirma que somente as formas presas “...admitem o marcador de plural “*mé*” como especificador desses tipos de referência pluralizada”. Conforme a autora, nem sempre há a necessidade da presença da partícula de plural, quando se trata de uma das formas duais em contraste com a forma realmente plural. Contudo, Souza (1997) não explicita em que contextos morfossintáticos cada forma pode ocorrer com ou sem a marca de plural. A análise

sugere que quando o dual 1±2 e o dual 1±3 se prefixam ao nome referente, a partícula de plural ‘*mé*’ não ocorre. Já a forma propriamente plural ocorre quando a partícula ‘*mé*’ antecede o prefixo pronominal de primeira pessoal plural, como podemos observar nos seguintes exemplos:

(137) *paʔ-tɛ* *ikrɛ* *j-ipɛj*
 1±2-ERG casa R¹-terminar
 ‘nós (dois) terminamos a casa’

(138) *mɛ* *paʔ-tɛ* *pôhí* *Ø-kêkê-n* *krinarɛ*
 PL 1±3-ERG milho R¹-colher-NZL muito
 “nós (todos) colhemos muito milho”

3.2 FORMAS PRONOMINAIS EM KRAHÔ: UMA ANÁLISE ALTERNATIVA

Com base nas observações feitas acima sobre as formas pronominais na língua Krahô, apresentamos uma análise alternativa dessas formas, em que mostramos a distribuição e função dessas formas na sintaxe da língua.

Miranda (2008, 2009) partindo do trabalho de Popjes e Popjes (1986) apresenta uma análise das formas pronominais em Krahô fundamentada em novos dados, mostrando sua distribuição e função, e considerando fundamentalmente os tipos de argumentos que são codificados por elas e os tipos de predicados com os quais se combinam, se verbal ou nominal. Nessa perspectiva, distinguimos duas séries pronominais em Krahô; série I ou série nominativa e série II ou série absolutiva. Reproduzimos abaixo a tabela com as formas pronominais na língua Krahô (Miranda 2009):

SISTEMA PRONOMINAL DA LÍNGUA KRAHÔ		
	SÉRIE I (INDEPENDENTE)	SÉRIE II (DEPENDENTE)
1SG	wa	i-
2SG	ka	a-
3SG	ke	---
1PL. INCL (DUAL)	ku	pa-
1PL	ku...me	me...pa-

Tabela 5: Formas pronominais em Krahô (Miranda 2008, 2009)

A série I (independente) contém formas livres, codificando apenas o argumento sujeito em orações transitivas e intransitivas independentes do núcleo do predicado ser transitivo ou intransitivo.

(139) *wa apu areti Ø-kəm Ø-ŋõr*
 1SG CONT rede R¹-POSP R²-dormir
 ‘eu estou dormindo na rede’

(140) *ka apu pɔtʃi Ø-kaŋe*
 2SG CONT pote R¹-quebrar
 ‘você está quebrando o pote’

(141) *ke ha pur Ø-kəm h-ape*
 3SG PROJ roça R¹-POSP R²-trabalhar
 ‘ele vai trabalhar na roça’

(142) *ku ha ku-mã pa- Ø-kaŋko*
 1PL.DUAL PROJ R²-POSP 1PL.DUAL- R¹-falar
 ‘nós (dual) vamos falar com ele’

As situações discursivas nas quais determinadas formas pronominais livres ocorrem, como sugeriram Popjes e Popjes (1986), ao que parece, emergem nos

contextos em que se dá ênfase ao desencadeador da ação ou ao ouvinte que é interpelado pelo falante, conforme os exemplos abaixo.

(143) (*wa*) *i-te pɔ pupun*
 1ENF 1-PAST deer see
 ‘I saw a deer’ (P&P 1986:176)

(144) *pa wa ha pɔ kura*
 1SG 1SG FUT deer kill
 ‘I will kill a deer (emphatic)’ (P&P 1986:176)

(145) *ha ku jê ne pɔ nã kura*
 hey 1 PL.INCL relative and deer a kill
 ‘Hey, relative, let’s go and kill a deer’ (P&P 1986:175)

A análise que propusemos (Miranda 2008, 2009) considerou as formas pronominais livres *pa*, *je* e *ta* como formas puramente enfáticas, as quais ocorrem em contextos nos quais o sujeito ora encontra-se em uma posição topicalizada na sentença, como nos exemplos (144) e (145), ora quando o ouvinte é interpelado pelo falante, exemplo (146). A seguir, apresentamos mais exemplos dessas formas pronominais em situações enfáticas.

(146) *je, i- Ø-mã iʔ-kaʔkẽ-n tsə Ø-hõ*
 ENF 1- R¹-POSP R²-escrever-NZL NLZ.INST R²-dar
 ‘você, dê para mim a caneta

(147) *ta, ke ha Ø-ŋõr*
 3SG.ENF 3SG PROJ R²-dormir
 ‘ele, ele que vai dormir’

Em relação à forma pronominal enfática de terceira pessoa *ta*, é interessante observar que em nossos dados ocorre com frequência ao invés de *ta*, a forma *ita*, que é, na realidade o pronome demonstrativo ‘este/esta’. Diante disso, analisamos a forma *ta* como uma redução do mesmo pronome demonstrativo ‘*ita*’.

A Série II (série dependente) é constituída de formas presas que codificam as funções de objeto direto, complemento de posposição, possuidor, sujeito de intransitivo e transitivo, quando estes expressam processos concluídos, sendo, no último caso, seguido pela posposição *te*.

- (148) *a- Ø-tε i- Ø-mẽ-m*
 2- R¹-POSP 1- R¹-derrubar-NLZ
 ‘você me derrubou’
- (149) *wa ha nẽ a- Ø-mã i- Ø-kaĩko-k nare*
 1SG PROJ NEG 2- R²-POSP 1- R¹-falar-NLZ NEG
 ‘eu não vou falar contigo’
- (150) *a- ts-ũ nẽ ra apu h-okukre-n nare*
 2 R¹-pai NEG ASP CONT R²-correr-NLZ NEG
 ‘teu pai não está correndo mais’
- (151) *wa i- Ø-pəm*
 1SG 1- R¹-cair
 ‘eu caí’
- (152) *i- Ø-tε tɔ hĩ j-akep-Ø Ø-par-Ø*
 1- R¹-POSP CAUS carne R¹-cortar-NLZ R²-terminar-NLZ
 ‘eu terminei de cortar a carne’

- (153) *i- Ø-mã prəm*
 1- R¹-POSP fome
 ‘eu estou faminto’

Das formas pronominais, somente as formas presas podem ser pluralizadas pela forma *mɛ*, conforme observaram as análises precedentes. É importante ressaltar que o que tem sido analisado como formas presas de terceira pessoa é aqui analisado como alomorfes do prefixo relacional de não-contiguidade (*ih-*; *in-*; *ku-*; *Ø*) (cf. capítulo II).

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo fundamentamos nossa análise sobre as formas pronominais na língua Krahô a partir de sua distribuição e função na sintaxe dessa língua. Os trabalhos precedentes sobre apresentam discrepâncias com respeito a análise dessas formas. Popjes e Popjes (1986) e Souza (1990, 1997) descreveram duas séries de formas pronominais para a língua Krahô que se distinguem mutuamente pela função que exercem na sintaxe. Contudo, Popjes e Popjes (1986) apresentaram além dessas formas básicas, formas enfáticas, cujo uso é específico de certos contextos discursivos. Souza (1990, 1997), por sua vez, restringe o conjunto das formas pronominais, excluindo as de uso enfático, e acrescenta a categoria [\pm dual] ausente na análise dos primeiros autores.

Na presente análise, há duas séries de formas pessoais em Krahô, uma enfática e outra obrigatória, esta codifica objeto, possuidor e complemento de posposição. A nossa análise difere das precedentes por excluir as formas de terceira pessoa propostas

nos estudos precedentes e por considerar uma forma de primeira pessoa inclusiva dual e outra plural.

INVESTIGANDO AS FORMAS VERBAIS LONGAS E CURTAS EM KRAHÔ (JÊ)

4.0 INTRODUÇÃO

Uma das peculiaridades morfossintáticas das línguas da família Jê é a distinção entre formas verbais longas e curtas (ou breves) (Shell 1952, Popjes & Popjes 1986, Dourado 2001, Ferreira 2003, Costa 2003, Amado 2005, Souza Filho 2007), o que, para outros autores, são formas finitas *vs* não-finitas (Reis Silva 2001, Castro Alves 2004, Oliveira 2005, Salanova 2007) ou, ainda, formas FA e FB (Santos 1997). Trata-se de um fenômeno recorrente nas línguas da família Jê que tem recebido diferentes interpretações na literatura lingüística.

Essas formas têm sido relacionadas respectivamente à não-conclusão *vs* conclusão de um processo verbal (Costa 2003, Rodrigues, Cabral e Miranda 2008), à manifestação de aspecto perfectivo *vs* imperfectivo (Dourado 2001, Souza Filho 2007), e à manifestação de tempo (Shell 1952, Popjes & Popjes 1986, Souza 1997, Ferreira 2003, Castro Alves 2004, Amado 2005). No presente capítulo, analisaremos as formas correspondentes da língua Krahô, com vistas à descrição de suas respectivas funções e da caracterização estrutural de suas formas.

Em Krahô, as formas verbais se distinguem quando estas expressam a conclusão (forma longa) ou a não-conclusão (forma curta) de um evento verbal, e ainda quando estas formas são modificadas por advérbios ou expressões adverbiais. Contudo, somente as formas longas (nominalizadas) ocorrem em contextos os quais exigem uma forma

nominal do verbo, isto é, contextos de subordinação e de relativização, bem como servem de base lexical para a derivação de outros nomes na língua.

Costa (2003) e Rodrigues, Cabral e Miranda (2008) propõem que há nas línguas da família Jê um processo derivacional produtivo que deriva nomes de verbos cujos resultados são ‘nomes de ação’. Segundo a hipótese histórica de Rodrigues, Cabral e Miranda (2008), nas situações em que as formas nominais de verbos ocorrem, estas fazem parte da estrutura argumental dos núcleos que determinam, verbos transitivos e posposições. Ainda, segundo esses autores, as nominalizações exprimem temporalidade aspectual intrínseca que se destacam quando uma nominalização é núcleo de um predicado nominal de oração independente. As nominalizações de ‘nome de ação’ são base para outras nominalizações. A seguir, aprofundamos a análise apresentada em Costa (2003) e Rodrigues, Cabral e Miranda (2008) e Miranda (2009) para as formas longas do Krahô.

4.1. FORMAS LONGAS E CURTAS EM KRAHÔ: ANÁLISES PRECEDENTES

4.1.1 SHELL, 1952

Shell (1952) dividiu as raízes ou bases lexicais em Krahô em três classes principais, isto é, verbo, nome e partícula, as quais se distinguem pela afixação ou falta desta, ressaltando que apenas os verbos e nomes podem ser precedidos pela mesma série de prefixos pessoais, que marcam agente e objeto nos verbos e possuidor nos nomes (p. 119). Em se tratando especificamente da classe dos verbos, a autora divide-a em três grupos (Va, Vb e Vc), podendo cada grupo ser subdividido (Vaa, Vab, Vac) de acordo

com a sufixação $-w \sim -n \sim -k \sim -m \sim zero \{-\emptyset\}$, quando no tempo passado e quando negados. Entretanto, não são explicitados os contextos morfossintáticos em que as formas verbais com esses sufixos ocorrem nem as modificações fonológicas que sofrem.

4.1.2 POPJES E POPJES, 1986

Popjes e Popjes (1986:192) simplificam as condições de ocorrência das formas verbais longas em Canela-Krahô descritas por Shell (1952), quando estabelecem que “...a forma longa do verbo ocorre se o tempo é passado (recente), e em toda parte quando o verbo não é final no sintagma verbal”¹⁴. Os autores demonstram essa variação através dos seguintes pares de verbos na tabela abaixo:

<i>Forma longa</i>	<i>Forma curta</i>	
<i>ihkuran</i>	<i>ihkura</i>	“(alguém) o mata”
<i>ton</i>	<i>to</i>	“(alguém) o faz”
<i>ihkahhyr</i>	<i>ihkahhy</i>	“(alguém) o castiga”
<i>kator</i>	<i>kato</i>	“ele chegou”

Tabela 6: Distinção entre formas verbais longas e curtas em Canela-Krahô (Popjes e Popjes 1986:192)

Conforme a análise de Popjes e Popjes (1986), a forma longa do verbo ocorre no tempo passado, independente de sua transitividade. Em predicados transitivos, segundo os autores, sendo o sujeito um pronome, um sintagma nominal ou um prefixo

¹⁴ “For those [verbos] with two forms, the long occurs whenever the tense is (recent) past, and elsewhere whenever the verb stem is non-final in the verbal phrase” (Popjes e Popjes 1986, p. 192)

pessoal, estes são seguidos ou presos ao “marcador indicativo de tempo passado” ‘*tɛ*’ (p. 129). Analisemos os contrastes a partir dos exemplos a seguir.

(154) *hũmre apu a-kakwĩ*
 man CONT 2-beat
 ‘The man is beating you’ (P&P 1986:130)

(155) *wa apu krɛ*
 1SG CONT cantar
 ‘eu estou cantando’

(156) *hũmre tɛ rɔp kakwĩn*
 man PAST dog beat
 The man beat the dog (P&P 1986:130)

(157) *i- krɛr*
 1- sing
 ‘I sang’ (P&P 1986:132)

Com respeito à expressão de tempo em Canela-Krahô, os autores distinguem entre passado recente e passado distante, os quais afetam diretamente a forma do verbo.

Para os autores:

“Recent past is expressed in transitive clauses by the posposition *te* ‘PAST’, which follows a free form subject or has the subject person prefix attached to it, and which always has the long form of the verb cooccurring with it. In intransitive clauses recent past is only partially marked: when the verb is clause final, the long form of the verb occurs (except for a small sub-class of intransitive verbs, see sec. 1.4); when the verb is not clause final, the long form always occurs anyway, whatever tense is to be understood, so intransitive verbs then are not morphologically marked for tense.

[...]

The distant past tense is indicated by *pê* ‘DP’ and the short form of the verb.” (POPJES E POPJES 1986:180)

(158) *humrɛ tɛ rɔp ʔ-kakwĩ-n*
 man PAST dog R¹-beat-NLZ
 ‘The man beat the dog’ (P&P 1986:130)

(159) *pê wa rɔp ʔ-kakwĩ*
 DP 1 dog R¹-beat
 ‘Long ago, I beat the dog’ (P&P 1986:180)

Ora, os próprios dados de Popjes e Popjes (1986) nos fornecem fortes indicações de que a forma longa do verbo não se relaciona à expressão de tempo nas línguas Canela e Krahô, conforme mostram os exemplos acima. Os exemplos a seguir são evidências de que a expressão de tempo não se associa à forma longa do verbo, mas sim a partículas que expressam noções temporais escalonadas.

(160) *pe ra i- j-õ tse tí*
 PART ASP 1- R¹-MP mãe morrer
 ‘minha mãe morreu (há muito tempo)’

(161) *i- j-õ keti ajkɔ kra j-ahe*
 1- R¹-MP tio IMPERF paca R¹-caçar
 ‘meu tio caçava paca’ (Souza 1997:40)

Um aspecto relevante apontado por Popjes e Popjes (1986) é com respeito à ocorrência da forma longa em contextos envolvendo negação e subordinação. Segundo os autores, qualquer constituinte pode ser negado, isto é, sujeito, objeto, objeto indireto, verbo ou qualquer constituinte periférico, seguindo-o imediatamente. A negação afeta, nesse contexto, a forma do verbo, a qual pode ser precedida somente pela forma longa¹⁵.

¹⁵ “The negator affects the form of the verb in that it may be preceded only by the long form” (Popjes e Popjes 1986, p. 160).

(162) *wa ha katōk tɔ pɔ kura*
 1 FUT gun INST deer kill
 ‘I will kill the deer with a gun’ (P&P 1986:161)

(163) *katōk tɔ wa ha pɔ kuran nare*
 gun INST 1 FUT deer kill NEG
 ‘I won’t kill the deer with a gun’ (P&P 1986:161)

De acordo com Popjes e Popjes (1986:166), as formas longas ocorrem também como núcleo de orações complemento, mas marcados pelo morfema *na*¹⁶, como mostra o exemplo seguinte:

(164) *wa jũm pupu iʔ-pikakur na*
 1 someone see 3-run SUB
 ‘I see someone running’ (Popjes e Popjes 1986, p. 166)

Conforme se pode observar nos exemplos acima e como observado por Popjes e Popjes (1986) a posição estrutural do verbo na sentença é determinante para que ocorra a forma longa do verbo, embora esses autores não explicitem os fatores que condicionam essa variação, bem como a razão pela qual a sintaxe da língua exige nessas situações uma forma longa e não uma curta, como se esperaria, segundo a descrição que apresentam.

A análise de Popjes e Popjes (1986) não abarca a totalidade dos fatos observados nos dados publicados por eles próprios e nos dados que coletamos. No tratamento que dão à variação nas formas que o verbo apresenta, ora os autores estabelecem que essa variação é determinada pela natureza temporal do evento, ora pela posição da forma longa do verbo na estrutura da sentença, ou seja, quando o verbo não

¹⁶ “Complement clauses occur with the verb of the subordinate clause in the long form and marked with *na*” (Popjes e Popjes 1986, p. 166)

está em posição final. A seguir, apresentamos a proposta de Souza (1997) com respeito à variação das formas do verbo Krahô:

4.1.3 O TRATAMENTO DAS FORMAS VERBAIS LONGAS DO KRAHÔ POR SOUZA (1997)

Souza (1997), em sua análise da língua Krahô desenvolvida à luz da Teoria da Regência e Ligação, enfatizou a importância da ordem de constituintes nessa língua de verbo final (S O V) e analisou as formas verbais longas de verbos intransitivos do Krahô como contendo os sufixos adverbiais {-r}, {-n} e {-m} que são usados para indicar relações que, de acordo com a autora:

“...entendemos classificá-las do tipo adverbiais, em geral indicativas de tempo/espaço, e de certa forma assim indissociáveis. Sabendo-se apenas os verdadeiros advérbios aparecem obrigatoriamente após os verbos finais no Krahô, acreditamos que esses sufixos sejam uma redução do advérbio ‘ra’, de uso restrito e precedido aos verbos que dão idéia de movimento, ‘mõ’ e ‘ten’, ‘ir/vir’; nos outros casos redução das posposições ‘nã’ e ‘mã’, também pospostas e reduzidas estrategicamente por motivo de concordância verbal / adverbial final.” (Souza 1997:94)

Diferentemente do que foi proposto por Popjes e Popjes (1986), a forma longa do verbo, segundo a análise de Souza (1997), não se relaciona à expressão de tempo, mas indica a realização “...de localização espacial e aparecem, às vezes, realizadas com outras categorias que não somente aquelas verbais para indicar a mesma localização espacial. Esses sufixos indicam realizações do tipo adverbial locativo” (p. 96). Para a autora, os sufixos *-r*, *-n* e *-m* além de ocorrer em verbos, ocorrem também em outras classes de palavras para indicar relações espaciais, como em pronomes demonstrativos, conforme os exemplos abaixo:

(165) *itar* *mã* *pey*
 DEM-SUFFIX DAT bom
 ‘para aqui bondade’ (Souza 1997:96)

(166) *kon* *to* *kâ*
 rio-SUFFIX POSP margem
 ‘Na margem do rio’ (Souza 1997:97)

Com base nas observações de Souza (1997), a mudança na raiz verbal é resultado da redução de advérbios e posposições que seguem o verbo e que se sufixam a ele para indicar relações de tempo/espaço.

No que segue, apresentaremos uma análise alternativa das formas longas do verbo na língua Krahô, segundo a qual a forma longa do verbo é resultado de um processo de nominalização, a qual além de ocorrer em contextos sintáticos em que são requeridos nominalizações, ocorre em outros contextos para expressar a idéia de processo concluído.

4.2 UMA ANÁLISE DAS FORMAS VERBAIS LONGAS E CURTAS EM KRAHÔ (MIRANDA 2009)

Em uma reanálise dos dados de Popjes e Popjes (1986), fundamentada a partir de novos dados da língua Krahô, argumentamos (Rodrigues, Cabral e Miranda 2008) e (Miranda 2009) que a variação nas formas verbais entre formas longas e formas curtas em orações principais não é condicionada pelo tempo passado recente, como

descreveram os autores, mas por diferentes condicionamentos, além do fato de serem a base para outras nominalizações na língua.

As línguas da família Jê apresentam uma ordem de constituintes cujo núcleo segue seu determinante. Assim, temos as seguintes ordens: [Possuidor+N] [Adj+N] [N+Posp] [Obj+V] [S_{int}+V]. Como veremos adiante, o fator estrutural é determinante para a ocorrência da forma longa do verbo em algumas dessas línguas. Em Krahô sempre que o verbo for seguido por um elemento pós-verbal adverbial, independente da situação temporal ou aspectual do evento, a forma longa ocorrerá, ao contrário do que propuseram Popjes e Popjes (1986), e, ainda, sem nenhuma relação espacial (locativa) tal como observou Souza (1997).

As formas verbais das orações independentes que expressam processos concluídos recentemente na língua Krahô, distinguem-se daquelas que expressam processos não-concluídos por se combinarem com formas pessoais dependentes, ao passo que as formas que expressam processos não-concluídos se combinam com formas independentes. As formas verbais que em certos contextos expressam processos concluídos, em outros contextos não se relacionam a aspecto, seja concluído ou não-concluído, isto é, quando são núcleos de construções de natureza nominal correspondentes à orações relativas, completivas e subordinadas do Português. Finalmente, as formas longas são base para outras nominalizações na língua Krahô e não as formas curtas.

A natureza nominal dessas formas é tão evidente que não podem ser vistas como expressões de processos, mas como ‘nomes de ação’. Além disso, podemos depreender dessas formas sufixos que, quando ausentes dos temas estes funcionam como processos, ou seja, como verbos. Considerando esses fatos, analisamos esses sufixos como alomorfes de um único morfema derivador de ‘nome de ação’. Os

alomorfes do sufixo derivador são os seguintes: *-r*, *-n*, *-m*, *-k*, *-t*, *-∅* (cf. Rodrigues, Cabral e Miranda 2008; Miranda 2009). A nominalização é acionada quando: (i) o processo verbal apresenta-se como concluído, (ii) quando funciona como argumento ou (iii) quando é modificado por expressão adverbial.

Costa (2003:66) foi o primeiro a demonstrar a existência de um processo de nominalização na língua Xíkrin, o qual deriva ‘nomes de ação’ a partir de verbos por meio de um sufixo nominalizador que tem os seguintes alomorfes *-m*, *-n*, *-j*, *-rV*¹⁷ e *-∅*. Salanova (2007) segue a mesma interpretação de Costa com respeito aos sufixos que derivam nomes de ação em Xikrín (Meb). O processo de nominalização nessa língua ocorre quando (a) o predicado de uma oração independente é modificado por uma expressão modificadora – advérbio, palavra ou outra expressão adverbial; (b) quando se trata de uma oração objetiva direta; ou (c) quando se trata de uma oração relativa.

O mesmo processo de nominalização, conforme descrito por Costa (2003) ocorre em Krahô. A diferença é que a forma nominalizada do verbo constitui o núcleo de predicados nominais de orações independentes expressando “processo concluído recentemente”; na língua Xíkrin, a forma nominalizada do verbo só ocorre nas situações em que o verbo é núcleo de orações dependentes e em orações independentes modificadas por elemento adverbial. Em ambas as situações, o que se pode observar é a relação de subordinação entre o verbo a outro elemento, tanto em orações dependentes quanto independentes. Vejamos os exemplos abaixo da língua Krahô.

- (167) *wa ha ma krĩ ko=kapri ∅-tẽ*
 1SG PROJ DIR aldeia rio=vermelho R²-ir
 ‘eu vou para a aldeia Rio Vermelho’

¹⁷ “A vogal do alomorfe *-rV* é sempre a cópia da última vogal da raiz...” (Costa 2003:54)

- (168) *i-prõ apu itse Ø-kahõ*
 1-esposa CONT roupa R¹-lavar
 ‘minha esposa está lavando roupa’
- (169) *mε kuna ma cidade amε Ø-tẽ-m*
 PL todos DIR cidade COL R¹-ir-NLZ
 ‘todos vieram da cidade juntos’ (lit.: ‘a vinda de todos juntos da cidade’)
- (170) *i-prõ Ø-tε itse Ø-kahõ-n*
 1-esposa R¹-POSP roupa R¹-lavar-NLZ
 ‘minha esposa lavou a roupa’ (lit.: ‘a lavação de roupa por minha esposa’)

Os verbos ‘ir’ e ‘lavar’, respectivamente intransitivo e transitivo, quando expressam processos não-concluídos, ocorrem em sua forma finita, como em (169); já nos exemplos (170) e (171) observa-se o verbo em sua forma nominalizada pelo nominalizador de nome de ação através de seus alomorfes {-m} e {-n}. No exemplo (171) o que corresponde ao argumento externo do verbo é seguido da posição *tε*. Veremos agora quando estes predicados são modificados por advérbios.

- (171) *ka ha aretĩ Ø-kəm ɲõr*
 2SG PROJ rede R¹-POSP dormir
 ‘você vai dormir na rede’
- (172) *ku amε apu jɔt Ø-kwə*
 1PL COL CONT batata R¹-cavar
 ‘nós (todos) estamos colhendo batata’
- (173) *ka nẽ aretĩ Ø-kəm a- j-õ-t narε*
 2SG NEG rede R¹-POSP 2- R¹-dormir- NLZ NEG
 ‘eu não vou dormir na rede’

- (174) *ku amε apu jət Økwə-n krinare*
 1PL.INCL COL CONT batata.doce R¹-cavar-NLZ muito
 ‘nós (todos) estamos colhendo muita batata-doce’

Nos dados acima, a presença de um elemento de natureza adverbial após o verbo é uma condição determinante para a ocorrência da forma longa (nominalizada) do verbo.

Assim como nas orações principais denotando eventos concluídos e não-concluídos modificados por advérbios, os “nomes de ação” ocorrem também como núcleo sintático de construções correspondentes à orações relativas do Português a completivas e a orações adverbiais, conforme mostram os dados abaixo:

CONSTRUÇÕES CORRESPONDENTES À RELATIVIZAÇÃO

- (175) [*i- tε kra kura-n ita*] *mã kata*
 1- R¹-POSP paca matar-NLZ REL POSP grande
 ‘a paca que eu matei é grande’
- (176) *akrare [t+k ita] mã a- Økra*
 menino morrer-NLZ REL POSP 2- R¹-filho
 ‘o menino que morreu é teu filho’
- (177) *pe wεj [i- Ømã i- j-apak Økatswə-r ita] kɔrmã iʔ-tēr*
 PART velho 1- R¹-POSP 1- R¹-orelha R¹-furar-NLZ REL ASP R²-viver
 ‘o velho que furou a minha orelha ainda vive’
- (178) *i-tε [hũmre tε rəp kuran ita] pupun*
 1-PAST man PAST dog kill DEM see
 ‘I saw the man who killed the dog’ (P&P 1986:171)

- (179) *wa i-tɛ rɔp pupun [Capi tɛ iʔ-kuran ata]*
 1 1-PAST dog see Capi PAST 3-kill DEM
 ‘I saw the dog Capi killed’ (P&P 1986:171)

CONSTRUÇÕES CORRESPONDENTES A COMPLEMENTAÇÃO

- (180) *ramã i- Ø-mã [i-krɛ-r j-akrepej]*
 ASP 1- R¹-POSP 1-cantar-NLZ R¹-saber
 ‘eu já sei cantar’
- (181) *wa [i- j-õ-t prəm] ne kɔrmã wa ampra-Ø*
 1SG 1- R¹-dormir- NLZ querer CONJ ADV 1SG acordar- NLZ
 ‘eu quero dormir e acordar cedo’
- (182) *i- Ø-tɛ i- Ø-tẽ-m jiku*
 1- R¹-POSP 1- R¹-ir-NLZ parar
 ‘eu parei de ir (andar)’
- (183) *wa i- Ø-tɛ rɔp tɔ iʔ-henpej-Ø [h-ujahɛ-r katsuw]*
 1SG 1- R¹-POSP cachorro CAUS R²-ensinar- NLZ R²-caçar- NLZ SUBORD
 ‘eu ensinei o cachorro a caçar’
- (184) *ku-tɛ a- mōr tsə na a- mǎn*
 3-PAST 2- go NOMLZR SUBORD 2- command
 ‘He commanded you to go’ (P&P 1986:166)

CONSTRUÇÕES CORRESPONDENTES A SUBORDINAÇÃO

- (185) *Capi tɛ pɔ kuran [iʔ-krɛr tsə katsuw]*
 Capi PAST deer kill 3-eat NOMLZR PURP
 ‘Capi killed the deer for food (P&P 1986:159)
- (186) *ka ha pur wɔr a-tɛm nare ca ha krɪ wɔr tɛ*
 2 FUT field to 2-go NEG 2 FUT village to go
 ‘If you do not go to the field, you will go to the village’ (P&P 1986:149)
- (187) *a-mã jũri [i-tɛm xà ita na] i-jahkre pej*
 2-TEMPRY where 1-go NOMLZR this SUBORD 1-learn well
 ‘You know where I am going’ (P&P 1986:166)
- (188) *wa ra i- j-õ-t prəm hõket nã*
 1SG ASP 1- R¹-dormir-NLZ querer cedo
- [i- j-ape-n katsuw]*
 1- R¹-trabalhar-NLZ SUBORD
 ‘eu já quero dormir para trabalhar cedo’
- (189) *[ka ha pur wɪr a-tɛm nare] ka ha krɪ wɪr tɛ*
 2 FUT field to 2-go NEG 2 FUT village to go
 ‘If you do not go to the fiel, you will go to the village’ (P&P 1986:149)

Podemos observar que nos dados acima, os nomes de ação ocorrem como núcleo de predicados nominais que correspondem a predicados de orações subordinadas adverbiais, relativizadas e completivas. A seguir, apresentaremos outros tipos de nominalizações em Krahô, os quais são derivados a partir de “nomes de ação”.

4.3. OUTROS TIPOS DE DEVERBAIS EM KRAHÔ

Nesta seção, focalizaremos outros processos de nominalização em Krahô, os quais são derivados a partir de “nomes de ação”. A análise que desenvolveremos aqui se distingue da de Popjes e Popjes (1986) quanto aos tipos de nominalizações recorrentes na língua. Distingue-se também da análise de Souza (1997) que considera que o processo de nominalização depende da transitividade verbal.

Segundo Popjes e Popjes (1986:172), os verbos, transitivos e intransitivos, são nominalizados de vários modos. Os morfemas nominalizadores são morfemas livres, cuja distribuição varia conforme o tipo de nome que é formado. Vejamos na tabela abaixo os tipos de nominalizadores descritos pelos autores e, em seguida, os dados que ilustram a ocorrência de cada um.

NOMINALIZADOR	SIGNIFICADO
<i>xà</i> [<i>tsə</i>]	denota a coisa, o lugar ou um evento;
<i>kate</i> (plural <i>kate-je</i>)	denota o agente de uma ação [+humano], mas refere-se a um animal no papel de agente;
<i>-rɛ</i> e <i>-ti</i> (sufixos de grau)	podem nominalizar um sintagma verbal, denotando a pessoa;
<i>nõ</i> (nominalizador negativo)	denota a pessoa e ao mesmo tempo nega o significado do verbo;
<i>xi</i> [<i>tʃi</i>] (posposição)	denota a pessoa que pratica a ação do verbo habitualmente;

Tabela 7: Morfemas nominalizadores propostos por Popjes e Popjes (1986)

- nominalizador de coisa, lugar ou evento *xà* [tsə];

(190) *i-kator*

1-arrived

‘I arrived’ (P&P 1986:172)

(191) *i-kator* *tsə*

1-arrived NOMLZR

‘my arrival’ (P&P 1986:172)

- nominalizador de agente *kate* (plural *katejê*);

(192) *i-te* *pryti jamã-r*

1-PAST cows look after-NLZ

‘I looked after cows’ (P&P 1986:173)

(193) *pryti jamã-r* *kate*

cows look after-NLZ NOMLZR

‘one who looks after cows (cowboy)’ (P&P 1986:173)

(194) *Jaco me pañhi kot me Øipa-Ø* *kate- je*

Jaco and chief after PL R²-follow-NLZ NOMLZR PL

te pɔ Øpupu-n

PAST deer R¹-see-NLZ

‘Jaco and the chief’s followers saw a deer’ (P&P 1986:151)

- sufixos de grau *rɛ* (diminutivo) e *tʃ* aumentativo;

(195) *im-prar tʃ*
 3-run strong/well
 ‘He runs well’

(196) *im-prar tʃ- rɛ*
 3-run strong DIMIN
 ‘He’s a good runner’

- nominalizador negativo *nõ*;

(197)	<i>hũpa-r</i>	‘obedecer’	<i>hũpa-r nõ</i>	‘pessoa desobediente’
	<i>ipicahu-r</i>	‘correr’	<i>ipicahu-r nõ</i>	‘não-corredor’
	(P&P 1986:173)			

- nominalizador *xi* [*tsi*] (posposição);

(198) *apu a-hêj*
 CONT 2-lie
 ‘You are lying’ (P&P 1986:172)

(199) *a-hêj tsi*
 2-lie NOMLZR
 ‘You are a liar’ (P&P 1986:172)

Popjes e Popjes (1986:174) observam ainda que duas classes de verbos têm uma forma nominalizada agentiva. Para os autores “...o verbo em sua forma longa e com o prefixo de terceira pessoa pode ter um significado de algo nominalizado, assim

como seu significado verbal ativo...”¹⁸, denotando uma ação feita pelo agente, como nos exemplos 16 (a-b).

(200) *Kapi tɛ hapen*
 Kapi PAST work
 ‘Kapi worked’ (P&P 1986:174)

(201) *Kapi ma hapen wɨr tẽ*
 Kapi away work to go
 ‘Capi goes to his work’ (P&P 1986:174)

Segundo os autores (1986:174), há ainda a possibilidade de duas nominalizações ocorrerem no mesmo verbo, sendo seu significado determinado pelo último morfema, como em (202) e (203).

(202) *ih-hêj*
 3-lie
 ‘He lies’

(203) *ih-hêj tsi tsə*
 3-lie NOMZLR NOMZLR
 ‘his lie’

Nota-se, nos dados de Popjes e Popjes (1986), a ocorrência da forma longa do verbo na formação de nomes deverbais. Contudo, como podemos observar, esses autores limitaram-se apenas a dar uma tradução dos morfemas sem explicá-los. A análise de Popjes e Popjes (1986) de uma ‘nominalização agentiva’ é problemática

¹⁸ “...The verb in its long form and with a third person prefix may have a nominalized meaning, as well as its normal active verb meaning...” (Popjes e Popjes 1986, p. 174)

porque poderia, segundo os autores, ter duas leituras, uma de verbo (ativo) e outra de nome. A seguir, comentaremos a visão de Souza (1997) sobre nominalização em Krahô.

A ordem de constituintes é o enfoque do trabalho de Souza (1997) sobre a sintaxe da língua Krahô, para quem a ordem básica é SOV. A autora não trata especificamente do processo de nominalização na língua, mas limita-se somente às condições e restrições sintáticas que operam sobre o verbo para que ele possa ser nominalizado. A transitividade, como mostra a autora, exerce forte influência no processo de nominalização, uma vez que, “...o verbo transitivo sempre aparece em posição final na sentença, não apresenta nenhuma mobilidade sintática e *não pode ser* nominalizado (grifo meu)” (Souza 1997:88), ao contrário dos verbos intransitivos que “...*são os únicos que podem ser nominalizados*” (p. 91). O processo de nominalização, segundo a autora, é resultado de estratégias sintáticas por meio das quais um verbo que é movido de sua posição canônica na mesma sentença, no caso dos intransitivos, os quais estariam sendo, nesse processo, transformados em nome.

Segundo Souza (1997:92), um verbo intransitivo é nominalizado quando: “(1) movido para a posição mais alta, à esquerda de V (final), também intransitivo; (2) marcação de V movido, agora para posição de complemento de verbo intransitivo, por posposição específica e indicativa dessas circunstâncias”, conforme os dados abaixo:

(204) *panréran- kré nã () kré i-par*
 passarinho cantar POSP cantar 1-ouvir
 ‘Eu ouvi (em) o canto (que) o passarinho cantou’ (Souza 1997:92)

(205) *iyarkwa to kré nã () kré*
 1-língua em cantar POSP cantar
 ‘Meu canto em minha língua eu canto/cantei’ (ibidem)

- (206) *mé i-yōkré nã mé pa- kré*
 PL 1-canto em PL 1/2 cantar
 “Nossa cantiga nós cantamos” (ibidem)

Souza (1997) ressalta que nem todos os verbos intransitivos podem ser nominalizados, já que os “...verbos intransitivos precedidos obrigatoriamente por posposição não são nominalizados...”, por exemplo, ‘*mã kakhok*’ ‘falar com’, ‘*na tšã*’ ‘rir de’ (p. 91-92).

- (207) *ka i-mã a-kakhok*
 2 1- POSP 2-falar
 ‘Você fala comigo’ (Souza 1997:93)

- (208) **i-kakhok nã wa kakhok*
 1-falar POSP 1 falar
 ‘Eu converso...’ (Souza 1997:93)

A análise de Souza (1997), por exemplo, não considera as funções sintáticas das nominalizações e nem os tipos de nome (i.e. agente, paciente, locativo, instrumento, etc.) que podem ser derivados a partir de um verbo intransitivo.

A análise que desenvolveremos aqui considera que na língua Krahô há um processo derivacional que deriva nomes de ação, os quais, por sua vez, são a base para novas derivações de nomes, como mostram os exemplos abaixo.

- (209) *i-kra ma apu ko kata iʔ-kõ*
 1-filho ASP CONT água muita R²-beber
 ‘meu filho está bebendo muita água’

- (210) *i- Ø kra tɛ ko tɔ iʔ-kõ-m*
 1- R¹-filho R¹-POSP água CAUS R²-beber-NLZ
 ‘meu filho bebeu água’ (lit.: ‘a água bebida por meu filho’)

- (211) *i- Ø kra ko tɔ iʔ-kõ-m kate*
 1- R¹-filho água CAUS R²-beber- NLZ NLZ.AGT
 ‘meu filho é bebedor de água’

Na sentença (209) o verbo ‘beber’ expressa processo não-concluído, mas esse verbo não apresenta nenhuma alteração morfofonológica em sua raiz. Contudo, na sentença (210) o mesmo verbo ocorre em sua forma nominalizada por meio do alomorfe *-m* do sufixo nominalizador de nome de ação. Em seguida, na sentença (211) o verbo nominalizado serve de base para outra nominalização, que no caso é a nominalização de nome de agente.

Além de nomes de agente, os nomes de ação são base para outros tipos de nominalizações em Krahô, tais como nomes de paciente e nomes de circunstância (instrumento, local, modo etc.), conforme exemplos abaixo:

NOME DE AGENTE

- (212) *mɛ h-õ-t kate*
 gente R²-dormir-NLZ NLZ.AGT
 ‘dorminhoco’

- (213) *mɛ h-ujarẽ-n kate*
 gente R²-contar-NLZ NLZ.AGT
 ‘contador de história’

(214) *mɛ h-apak Ø-katswə-r kate*
 gente R²-orelha R²-furar-NLZ NLZ.AGT
 ‘furador de orelha’ (lit.: o homem que fura orelha)

(215) *mɛ tɔ iʔ-henpej-Ø kate*
 gente CAUS R²-ensinar-NLZ NLZ.AGT
 ‘professor’

NOME DE PACIENTE

(216) *mɛ Ø-tɨ-k*
 gente R²-morrer-NLZ
 ‘defunto’ (lit.: pessoa morta)

NOMES LOCATIVOS

(217) *mɛ Ø-tu-r tsə*
 gente R²-urinar-NLZ NLZ.LOC
 ‘banheiro’ (lit: lugar de urinar)

(218) *ampɔ Ø-tɔ-n tsə*
 coisa R¹-fazer-NLZ NLZ.LOC
 ‘secretaria da escola’ (lit.: lugar onde se faz as coisas)

(219) *iʔ-tswə-r tsə*
 R²-banhar-NLZ NLZ.LOC
 ‘lugar de banhar’

(220) *h-õ-t tsə*
 R²-dormir-NLZ NLZ.LOC
 ‘lugar de dormir’

NOMES DE INSTRUMENTO

- (221) *wapɔ* *Ø-kuke-n* *tsə*
 faca R¹-amolar-NLZ NLZ.INST
 ‘amolador de faca’
- (222) *iʔ-kajpe-r* *tsə*
 R²-abanar-NLZ NLZ.INST
 ‘abano’
- (223) *iʔ-kaʔapõ-n* *tsə*
 R²-ciscar-NLZ NLZ.INST
 ‘ciscador’
- (224) *kwĩr* *Ø-kẽ-n* *tsə*
 mandioca R¹-ralar- NLZ NLZ.INST
 ‘ralador de mandioca’

Esta análise representa uma primeira abordagem de aspectos estruturais e funcionais das nominalizações na língua Krahô. Embora as análises precedentes sobre essa língua tenham, de certa forma, falado sobre a natureza nominal das formas longas do Krahô, nenhuma delas considerou que as formas longas são resultados de derivação, como propomos aqui.

A presente análise considera que outras nominalizações do Kahô são derivadas a partir de temas verbais já nominalizados por meio do sufixo nominalizador de ‘nomes de ação’, ao contrário de Popjes e Popjes (1986) que considera a forma longa uma forma básica.

Na presente análise, não consideramos como morfemas nominalizadores as formas *rɛ/ti*, e *xi [tsi]*. Estes morfemas, como podem ser vistos nos dados dos próprios autores, combinam-se com nomes (formas nominalizadas de verbos), e atribuem ao referente dessas formas uma dimensão, *rɛ* ‘atenuativo’ e *ti* ‘intensivo’.

(227) *im-prar tĭj*
 3-run strong/well
 ‘He runs well’(P&P 1986:173)

(228) *im-prar [tĭj- rɛ]*
 3-run strong DIMIN
 ‘He’s a good runner’ (ibidem)

A análise de Popjes e Popjes (1986) de que o morfema *xi [tsi]* é ao mesmo tempo uma posposição e um nominalizador nos parece estranha, uma vez que os próprios autores não explicitam em que circunstâncias ela ocorre como posposição e como nominalizador. A princípio, os dados abaixo sugerem que se trata de um morfema que se combina com temas nominais em função predicativa, cujo significado é distinto de outros nominalizadores agentivos.

(229) *a- ken*
 2- bad
 ‘You are bad’ (P&P 1986:174)

(230) *a- ken tsi*
 2- bad NOMLZR
 ‘You are a person bad’ (P&P 1986:174)

4.3 MAIS FUNDAMENTOS PARA A EXISTÊNCIA DE UM PROCESSO DE DERIVAÇÃO DE NOMES DE AÇÃO EM KRAHÔ

Em Rodrigues, Cabral e Miranda (2008), apresentamos duas importantes indicações de que as formas longas do verbo em Krahô são formas nominalizadas. A primeira delas é a combinação dessas formas com as marcas pessoais que codificam o possuidor e também com as posposições. Há ainda o fato de que as formas nominalizadas de verbos transitivos têm um complemento oblíquo, (prefixos pessoais combinados com a posposição *tɛ*) que corresponde ao sujeito agente da forma não nominalizada do verbo. Observemos os dados abaixo:

(231) *wa i- Ø-tɛ a- Ø-mẽ-n*
 1SG 1- R¹-POSP 2- R¹-derrubar-NLZ
 ‘eu derrubei você’ (lit.: ‘a tua derrubada por mim’)

(232) *a- Ø-pəm-Ø*
 2- cair-NLZ
 ‘você caiu’ (lit.: ‘tua caída’)

(233) *wa apu a- Ø-kaɪko-k kəm Ø-pa*
 1SG CONT 2- R¹-falar-NLZ POSP R²-ouvir
 ‘eu estou ouvindo a tua fala’

A segunda indicação é de que a forma nominalizada do verbo serve de base para outras derivações na língua (cf. seção 4.2.1)

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse capítulo apresentamos uma análise alternativa para as formas verbais longas em Krahô, segundo a qual essas formas são resultado de um processo de nominalização que deriva nomes de ação a partir de temas verbais. Esta análise contrasta com as análises de Popjes e Popjes (1986) e Souza (1997), para os quais as formas longas são insegmentáveis. Mostramos que as formas longas ocorrem em contextos sintáticos que requerem nominalizações correspondentes a complementos verbais, adjuntos adverbiais e adjetivos. Mostramos também que as formas longas dos verbos ocorrem sempre que são precedidas por uma expressão adverbial.

Finalmente, mostramos que a forma nominalizada dos verbos ‘nome de ação’ ocorre como núcleos de predicados de orações independentes, quando se quer expressar algo concluído recentemente, em contraste com as construções em que há marcas de modo de ação ‘continuativo’, ‘habitual’ e ‘perfectivo remoto’.

Em nossa análise, depreendemos que um sufixo nominalizador de nome de ação tem os alomorfes *-r*, *-m*, *-n*, *-t*, *-k*, \emptyset , os quais têm distribuição idiossincrática.

Apresentamos outro argumento para se considerar as formas longas formas nominalizadas que é o de que essas formas se combinam com prefixos pessoais, cujo padrão resultante é comparável à combinação de determinante (possuidor) e nome, como ocorre em Xikrín (Costa 2003). Finalmente mostramos que os nomes de ação são base para a derivação de outros nomes na língua (nomes de agente e nomes de circunstância).

Trataremos no capítulo seguinte da relação entre nominalizações e padrão de alinhamento na língua Krahô.

NOMINALIZAÇÕES E O SISTEMA DE ALINHAMENTO EM KRAHÔ

5.0 INTRODUÇÃO

No presente capítulo, discutiremos padrões de alinhamento na língua Krahô e sua relação com a nominalização. Com base em Rodrigues, Cabral e Costa (2001) e Costa (2003), fundamentamos a idéia de que em predicados que têm por núcleo um verbo nominalizado são predicados nominais. Isso sugere uma cisão no padrão de alinhamento, a qual tem sido tratada na literatura lingüística sobre as línguas da família Jê como manifestação de ergatividade. A análise que defenderemos aqui parte das evidências de que a cisão observada no alinhamento pronominal em Krahô está relacionado ao *status* gramatical da oração (cf. Costa 2003) e que a ocorrência de um padrão que lembra um padrão ergativo é, na realidade, um padrão nominal e não verbal. A seguir, analisaremos a proposta de Souza (1997) sobre o sistema de marcação de caso na língua Krahô.

5.1 SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO EM KRAHÔ (SOUZA 1997)

Segundo Souza (1997:77) a língua Krahô apresenta um sistema de marcação de caso diferenciado para o sujeito das orações que pode ser caracterizado como um sistema cindido. Para a autora, há três modos distintos de se identificar o sujeito da oração que são: nominativo, ergativo e ergativo “cindido”.

5.1.1 SISTEMA NOMINATIVO

Segundo Souza (1997:76), o sujeito no sistema nominativo é codificado somente por formas pronominais livres *wa* (eu), *ka* (você), *ke* (ele), e *ku* (nós). A autora apresenta os seguintes exemplos ilustrativos da ocorrência dessas formas:

(234) *ko nã wa a-men*
 rio POSP 1 2-jogar
 ‘Eu jogo você no rio’ (Souza 1997:78)

(235) *ke i-kujahek*
 3 1-empurrar (para lugar não específico)
 ‘Ela me empurra’ (Souza 1997:78)

(236) *ka i-men*
 2 1-empurrar
 ‘Você me empurra’ (Souza 1997:78)

Souza (1997:78) ressalta que, além de codificar a função primária de sujeito, essas formas podem ser usadas, enfaticamente, de forma secundária.

(237) *pĩ nã (wa) i- pâm*
 árvore de 1-ENF 1-PERF cair
 ‘eu caí da árvore’ (Souza 1997:78)

(238) *(ka) a-té i-men ko kâm*
 2- ENF 2- PERF 1-empurrar água POSP
 ‘Você me jogou dentro do rio’ (Souza 1997:78)

5.1.2 SISTEMA ERGATIVO

Segundo Souza (Souza 1997:76), o sujeito no sistema ergativo é marcado pela posposição ‘*tε*’, restrita ao sujeito de verbos transitivos, distinguindo-o das demais funções sintáticas. A autora enfatiza que, além dos nomes, “...as formas pronominais presas são aquelas que admitem a marca ergativa quando estão na função de sujeito das orações.” (Souza 1997:76). As formas pronominais descritas para o sistema ergativo pela autora são: *i-té* (eu- PERF- ERG), *a-té* (você- PERF- ERG), *ku-té* (ele/ela- PERF- ERG) e *pa-té* (nós- PERF- ERG).

- (239) ***a-tε*** *iʔ-men*
 2- PERF- ERG 3-derrubar
 ‘Você me derrubou’ (Souza 1997:76)

- (240) ***mé*** ***ku-té*** *pa-pupun*
 PL 3- PERF- ERG 1/2-ver
 ‘Eles nos viram’ (Souza 1997:76)

O marcador ergativo *tε* ocorre em sentenças transitivas para distinguir a função de sujeito de objeto direto e indireto. Contudo, de acordo com a autora, nas sentenças intransitivas nas quais a posposição *tε* ocorre, esta “...apresenta características de enfatizador opcional, de tópico do sujeito.” (Souza 1997:79).

- (241) ***a-té*** *pye* *kâm* *a-pâm*
 2-ENF-TOP chão POSP 2-cair
 ‘Foi você que caiu no chão’ (Souza 1997:79)

- (242) *ku-té* *kâ* *pe* *(i'-)kré*
 3-ENF-TOP pátio POSP cantar
 ‘Foi ele que cantou no pátio’ (Souza 1997:79)

4.1.3 SISTEMA ERGATIVO “CINDIDO”

O caso ergativo “cindido”, de acordo com a autora, ocorre quando o sujeito de terceira pessoa em sentenças transitivas apresenta uma forma pronominal específica para esta função, e com outras formas para as funções de sujeito de verbos intransitivos e objeto de verbos transitivos. Essa distinção é tomada pela autora como uma característica peculiar da língua de distinguir as funções sintáticas nas orações, uma vez que a forma pronominal presa *ku-* não ocorre como sujeito de verbos intransitivos, sendo esta função exercida ora pelo prefixo *i'-* ~ *in-*, cuja distribuição não é previsível, exemplos (243), (244) e (245).

- (243) *mé* *ku-té* *pa-pupun*
 PL 3- PERF- ERG ½-ver
 ‘Eles nos viram’ (Souza 1997:..)

- (244) *pĩ* *nã* *i'-* *pâm*
 árvore POSP 3- PERF cair
 ‘ele(a) caiu da árvore’ (Souza 1997:...)

- (245) *(ke)* *in-* *krér* *péy*
 3-ENF 3- PERF cantar bem
 ‘ele cantou bem’

5.2 5.2 CISÃO NO ALINHAMENTO EM KRAHÔ: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

A análise proposta por Souza (1997) foi ecoada por muitos outros que analisaram o sistema de alinhamento de línguas Jê. Embora concordemos que as construções transitivas com formas verbais nominalizadas se assemelham a construções ergativas, pelo fato de que o que é interpretado como agente é marcado por uma marca *tɛ*, temos, ao invés de uma esperada forma verbal plenamente processual, um nome de ação. Ora, nas línguas para as quais tem sido postulado um padrão ergativo, o núcleo verbal é um verbo e não um nome.

É verdade que, em várias línguas do mundo de alinhamento ergativo, o agente (ergativo) é marcado por partículas ou adposições (preposições ou posposições) (cf. Dixon 1994). Em Hindi, uma língua indo-ariana, o sujeito é um sintagma posposicionado marcado com uma posposição ergativa (Lahne 2008:73). Já em Tongan, uma língua do subgrupo polinésio da família Austronésia, o sujeito de intransitivo e objeto de transitivo são precedidos pela preposição 'a, e o sujeito de transitivo pela preposição 'e (cf. Comrie 1978).

(246) *Rām-ne vah kitā-bē par^h-ñ hē*
 Ram-ERG.MASC those book-FEM.PL read.PERF.F.PL be.PRES.PL
 'Ram has read those books' Hindi (Lahne 2008:73)

(247) *Na'e tāmāte'i ['e Tēvita] ['a Kōlāiate]*
 PAST kill ERG David ABS Goliath
 'David killed Goliath' Tongan (Churchward 1953 *apud* Comrie 1978:329)

O morfema *tɛ* do Krahô pode muito bem ser analisado como uma posposição. Contudo, diferentemente das línguas em que o argumento ergativo é marcado por uma

posposição e o verbo ocorre em sua forma plenamente verbal, no Krahô o núcleo do predicado é um nome e o predicado é de natureza existencial (por exemplo, “houve matar de anta por você”). Por essas razões optamos por não assumir aqui um posicionamento a favor da análise de que as construções com formas nominalizadas a partir de bases transitivas em Krahô sejam núcleos de orações com alinhamento ergativo.

Com isso não excluimos a possibilidade de que construções com nominalizações possam se desenvolver em construções mais verbais (mais processuais) com alinhamento ergativo.

Enfatizamos aqui que, na nossa análise, em orações cujos núcleos não são nominalizados em Krahô apresentam um padrão nominativo-acusativo, como mostram os dados abaixo:

(248) *ka apu katɔ*
 2SG CONT sair
 ‘você está saindo’

(249) *ka ha i- Ø-mẽ*
 2SG PROJ 1- R¹-derrubar
 ‘você vai me derrubar’

5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa linha de análise, concordamos com a idéia de que os nomes de ação são núcleos de sintagmas nominais, alguns com determinante e complemento (os de base transitiva) outros apenas com determinante (os de base intransitiva), podendo se

combinar com morfemas adverbiais, daí a ausência de orações relativas, substantivas e subordinadas, mas a existência de expressões adverbiais (constituídas de nominalizações modificadas por posposições), nominalizações em função de argumento e em função de epíteto.

Este fato mostra que a língua Krahô não possui três sistemas de marcação de caso para distinguir as funções sintáticas de sujeito, de verbos transitivos e intransitivos, e objeto, conforme analisou Souza (1997). Na presente análise, consideramos que a língua Krahô apresenta um padrão de alinhamento nominativo-acusativo em orações transitivas processuais.

Nas construções com verbos transitivos nominalizados, embora outras análises tenham interpretado a posposição *te* como marca de caso ergativo e, por conseguinte, exibindo um padrão de alinhamento ergativo-absolutivo, optamos por tratá-la apenas como uma posposição que marca um argumento oblíquo, assim como outras posposições na língua.

CONCLUSÃO

Nesta dissertação apresentamos os resultados de nossa análise de dados da língua Krahô, que tratou da descrição da flexão relacional e do processo de derivação de nomes de ação nessa língua, assim como do uso sintático dos deverbais resultantes desse processo de derivação. O projeto de pesquisa que deu origem a esta dissertação teve como finalidade primeira contribuir para a ampliação do conhecimento científico sobre esses dois importantes aspectos da gramática Krahô, assim como para a ampliação da documentação de dados linguísticos dessa língua. Na preparação do projeto de pesquisa assumimos o compromisso com professores indígenas Krahô de que os dados coletados e analisados, assim como os resultados do estudo, seriam colocados à sua disposição para serem aplicados ao ensino da língua nativa nas escolas das aldeias, mas também para alimentar a reflexão linguística dos professores sobre a sua própria língua.

Um dos principais resultados da presente dissertação foi a demonstração de que a língua Krahô possui uma série de prefixos que se combinam com temas dependentes – nomes relativos, verbos e posposições – para marcar as relações de dependência e de subordinação entre estes e seus respectivos determinantes. A demonstração favorece a análise de que esses prefixos não podem ser interpretados simplesmente como elementos sonoros inanalísáveis, como propõem alguns estudiosos de outras línguas Jê.

Outro resultado diz respeito às expressões de pessoa na língua. Popjes e Popjes (1986) e Souza (1990, 1997) descreveram duas séries de formas pronominais para a língua Krahô que se distinguem uma da outra pela função que exercem na sintaxe. Popjes e Popjes (1986) apresentaram formas pronominais que eles chamam de básicas, e também formas enfáticas, cujo uso é específico de certos contextos discursivos. Souza

(1990, 1997), por sua vez, apresenta para o Krahô um único conjunto das formas pronominais, mas identifica a categoria [\pm dual] em algumas formas.

Nesta dissertação pudemos depreender dos dados analisados duas séries de formas pessoais, uma enfática e outra dependente; esta última codifica o sujeito de predicados com núcleo nominal, o possuidor em construções genitivas e o complemento de posições. A nossa análise difere das análises precedentes por excluir dos paradigmas de pessoa formas para a terceira pessoa e por considerar a existência de uma forma de primeira pessoa inclusiva dual e outra plural;

Apresentamos uma análise alternativa para as formas verbais longas em Krahô, segundo a qual essas formas são resultado de um processo de nominalização, por meio de sufixo derivacional que tem as formas *-r*, *-m*, *-n*, *-t*, *-k*, *-∅*, o qual deriva nomes de ação a partir de temas verbais. Esta análise contrasta com as análises de Popjes e Popjes (1986) e Souza (1997), para os quais as formas longas são insegmentáveis. Mostramos que as formas longas ocorrem em contextos sintáticos, nos quais funcionam como argumentos verbais, como adjuntos adverbiais e como adjetivos. Mostramos também que as formas longas dos verbos ocorrem sempre que precederem uma expressão adverbial. Finalmente mostramos que a forma nominalizada quando é núcleo de predicados nominais de orações independentes expressam algo concluído recentemente, e nunca coocorrem com morfemas que expressam modo de ação ‘continuativo’, ‘habitual’ ou ‘perfectivo remoto’.

Fundamentamos também a idéia de que as formas longas são nominalizações pelo fato de se combinarem com prefixos pessoais que marcam o determinante (possuidor) de um nome, de forma análoga ao que ocorre em Xikrín (cf. Costa 2003). Finalmente, mostramos que os nomes de ação são a base para a derivação de outros nomes na língua (nomes de agente e nomes de circunstância).

Esperamos dar continuidade ao estudo da língua Krahô explorando outros aspectos de sua morfossintaxe e aprofundando a análise aqui apresentada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Leriana de. *A marcação de (tempo), modo e aspecto na língua Kaingang*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 2008.

APOLINÁRIO, Juciene R. In: *Os Akroá e outros povos indígenas nas fronteiras do sertão – políticas indígenas e indigenistas no norte da capitania de Goiás - século XVIII*. Goiânia: Kelps, 2006.

BLAKE, Barry J. *Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. pp. 229.

CASTRO ALVES, Flávia de Castro. *O timbira falado pelos Canela Apaniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese Doutorado, Unicamp, 2004

CAVALCANTE, Marita Pôrto. *Fonologia e morfologia da língua Kaingang: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná*. Tese de Doutorado. Unicamp, 1987.

COMRIE, Bernard. The syntax of action nominals: a cross-language study. *Lingua* Vol. 40, n. 2/3, 1976.

_____. Ergativity. In: LEHMANN, Winfred (ed). *Syntactic Typology - Studies in phenomenology of language*. University of Texas: Austin, 1978.

Language universals and linguistic typology: syntax and morphology. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

_____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976

COMRIE, B. & THOMPSON, Sandra A. Lexical nominalization. In: Shopen, T. (ed.) *Language typology and syntactic description*. Volume 3. Cambridge University Press: Cambridge, 1985. pp. 349-98.

COSTA, Lucivaldo Silva da. *Flexão relacional, marcas pessoais e tipos de predicados em Xikrín: Contribuição para os estudos sobre ergatividade em línguas Jê*. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Pará, 2003.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS e ROSENBAUM (orgs). *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Mass: Braisdell, 1970.

CROFT, William. *Typology and universals*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DOURADO, Luciana. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language* 55: 1979. pp. 59-138.

_____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

DRYER, Matthew S. Clause Types. In: SHOPEN, Timothy (ed). *Clause Structure, Language Typology and Syntactic Description*, Vol. 1. Cambridge. Cambridge University Press, 2006.

FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê*. Tese Doutorado: Unicamp, 2003a.

_____. Predicados descritivos em parkatêjê: hipóteses sobre sujeitos cindidos. In: SILVA, Denize Elena Garcia da (org). *Atas do II encontro nacional do grupo de estudos de linguagem do Centro-Oeste: integração linguística, étnica e social*. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da UnB, 2004. 3v. pp. 224-228.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. John Benjamins Publishing Co, 1984.

HASPELMATH, Martin. *Coordinating Constructions*. Series Typological Studies in Language; v. 58. Benjamins Publish: Amsterdam, 2004.

HOPPER, Paul J., & THOMPSON, Sandra A.. *Transitivity in grammar and discourse*. *Language* 56: 1980. pp. 251-299.

KLIMOV G. A. On the character of languages of active typology. *Linguistics* 131, 1974 pp. 11-25.

MIRANDA, Maxwell G. *Investigando as formas verbais longas em Krahô (Jê)*. Anais do VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. João Pessoa – PB. UFPB, 2009.

_____. *A propósito do sistema ativo-estativo em Krahô (Jê)*. Universidade de Brasília, 2008 (ms).

MIESTAMO, Matti. *Standard negation: the negation of declarative verbal main clauses in a typological perspective*. Empirical approaches to language typology ; v.31. Mouton de Gruyter, 2005.

NICHOLS, Johanna. PETERSON, David A. BARNES, Jonathan. *Transitivizing and detransitivizing languages*. *Linguistic Typology* 8: Walter de Gruyter, 2004.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. *The Language of the Apinajé People of Central Brazil*. Orientador: Spike Gildea. PhD, University of Oregon, 2005.

PAYNE Thomas E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Exploring language structure - a student's guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

POPJES, Jack, & POPJES, Jo. *Canela-Krahô*. In: Desmond C. Derbyshire and Geoffrey K. Pullum (eds.) *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. 128-199.

REIS SILVA, Maria Amélia. *Ordem, pronomes e ergatividade em Mebêngokre*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2001.

RIBEIRO, Eduardo R. *Uma hipótese sobre a origem do padrão ergativo em algumas línguas Jê Setentrionais*, 2003 (ms)

_____. *On verbs, nouns, and 'adjectives' in Karajá (Macro-Jê)*. Paper presented at the 38th Meeting of the Chicago Linguistic Society, 2002 (ms).

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986. 135 pp.

_____. *Línguas indígenas: 500 Anos de Descobertas e Perdas*. DELTA, SAO PAULO, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993.

RODRIGUES, Aryon D *et all*. *Um estudo histórico-comparativo sobre as formas verbais longas e curtas nas línguas Jê*. Comunicação apresentada no VI Encontro de línguas e culturas macro-jê. UFG. Goiânia, 2008.

_____. 'Macro-Jê.' In Dixon, R. M. W. & Aikhenvald, A. (eds.) *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

SALANOVA, Andrés Pablo. *Nominalizations and aspect*. Orientadora: Sabine Iatridou. Ph.D Thesis, MIT. 2007.

SANTOS, Ludoviko C. *Aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kisedjê)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 1997.

SANTOS, Juliana Pereira dos. *Marcas pessoais, concordância de número e alinhamento em Xavánte*. Orientadora: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. Mestrado, UnB. 2008

SILVERSTEIN, Michael. Hierarchy of features and ergativity. In R. M. W. Dixon, (ed.) *Grammatical categories in Australian languages*, 112-171. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies, 1976.

SOUZA, Sueli Maria de. *A Sintaxe de uma Língua de Verbo no Final: Krahô*. (Tese de Doutorado) *Orientador*: Erasmo D Magalhaes e Charlotte Galves. Universidade de São Paulo, USP, 1997.

_____. *O Sistema de Referência Pessoal da Língua Krahô* (Dissertação de Mestrado). *Orientador*: Raquel Teixeira e Aryon Rodrigues. Universidade Federal de Goiás - UFG, 1990.

KOPTJEVSKAJA-TAMM, Maria. *Nominalizations*. London: Routledge, 1993.

TIMBERLAKE, Alan. Aspect, tense, mood. In: SHOPEN, Timothy. *Language Typology and Syntactic Description - Grammatical Categories and the Lexicon* Volume III. 2nd edition. The Edinburgh Building Cambridge: Cambridge University Press, 2007.